

GOLPISTAS

TRAMAM NOVO COMPLÔ CONTRA LOTT

NA PÁGINA CENTRAL

VOZ OPERÁRIA

No. 498 ☆ Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 1958 ☆



MAO TSE-TUNG deixará em janeiro próximo o cargo de Presidente da República Popular da China. Esta notícia foi anunciada oficialmente em Pequim a 16 do corrente pelo Ministro das Relações Exteriores, Tchen-Yi. Disse o chanceler chinês que o Comitê Central do Partido Comunista da China havia aprovado a decisão do Presidente Mao de não ter seu mandato renovado em janeiro para o próximo período. «Durante os últimos dez anos — diz a resolução em apêço — o presidente Mao Tse-tung manifestou mais de uma vez ao Partido Comunista seu desejo de renunciar à Presidência da República. Após haver examinado demoradamente essa questão, o Comitê Central, reunido em sessão plenária, decidiu a 10 de dezembro aprovar a sugestão do camarada Mao Tse-tung e não propor sua candidatura à próxima sessão da Assembléia Popular Nacional». Mao Tse-tung continuará na presidência do Partido Comunista, devendo dedicar-se mais à direção política e aos problemas do Partido. Poderá assim consagrar mais tempo às questões teóricas do marxismo-leninismo e sua aplicação na China. (sobre o assunto, na 2a. página, leia a «Crônica Internacional»)



RELAÇÕES COM A U. R. S. S. trarão progresso PARA O BRASIL

(NA PÁGINA CENTRAL)

PREÇO do Exemplar 3⁰⁰

AS ELEIÇÕES DE OUTUBRO EM S. PAULO

Artigo de R. Luchesi

NA PAGINA 9

FORTUNY EM LIBERDADE — Concedendo a ordem de "habeas-corpus" ao líder guatemalteco José Fortuny, o Supremo Tribunal Federal desfêz mais uma grosseira provocação antidemocrática forjada pelo coronel Danilo Nunes. O brilhante voto do relator, ministro Cândido Motta Filho, foi acompanhado unanimemente pelos demais membros do STF. Fortuny já se encontra em liberdade.



Artigo de Fotomartov:
«O MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL EM NOVA ETAPA»
 (Na 5a. pag.)

VIGÊNCIA DO SALÁRIO MÍNIMO A PARTIR DE PRIMEIRO DE JANEIRO

NA ÚLTIMA PÁGINA

LIÇÕES DO FRACASSO DA OPA

R. ARENA

«Na semana passada, em Washington, pela segunda vez em dois anos, uma grande tentativa de acelerar o desenvolvimento da América Latina fracassou. A primeira foi o Comitê dos Representantes Presidenciais, criado pelo Presidente Eisenhower, no encontro de chefes de Estado, em 1956, no Panamá, que morreu depois de lançar algumas recomendações e nomear algumas comissões. Na semana passada, o fracasso foi do «Comitê dos 21»: ele caiu ante o esforço conjunto da resistência norte-americana e das fanfarronadas latino-americanas.»

Entre eles houve inclusive um — o «Washington Post», considerado o segundo jornal ianque, depois do «New York Times», em importância política e tiragem — que chegou a ameaçar o Presidente Kubitshchek com uma rebelião interna, se ele não abandonar suas veleidades de política internacional, para dedicar-se à solução dos problemas nacionais. Indo mais longe, o jornal ianque aponta o caminho a seguir para o Presidente Kubitshchek: prestigiar e aplicar o «Plano de Estabilização Monetária», do Sr. Lucas Lopes. Em seu entusiasmo, que chega para uma vigorosa «advertência» ao Congresso brasileiro, o jornal se esquece assim de que está cometendo uma «gaffe» imperdoável, pois vem confirmar as graves suspeitas que já existiam aqui sobre as origens do famoso plano. O resultado foi a multiplicação do número das pessoas informadas, em nosso país, que juram ter vindo o plano prontinho do Fundo Monetário Internacional, para que o Ministro da Fazenda o assinasse, depois de acrescentar-lhe um pouco de «cor local», com uma meia dúzia de cifras.

Assim, vê-se que a única resposta que o imperi.ismo ianque dá aos «ambiciosos planos» — na linguagem do Sr. Foster Dulles — apresentados pelo Sr. Frederico Schmidt em Washington é, uma vez mais, o velho refrão: «é hora de apertar o cinto». O delegado ianque ao «Comitê dos 21» foi mais explícito: os Estados Unidos, país da «livre iniciativa», disse ele, se negam a cooperar em qualquer planificação, a longo ou curto prazo, para o desenvolvimento econômico da América Latina. Tudo deve ser confiado aos investimentos de particulares ianques, que devem ser estimulados e protegidos pelos governos latino-americanos; em outras palavras, fica tudo como antes, não há lugar para a tão proclamada «revisão».

O delegado colombiano, o ex-Presidente Alfonso Lopes, que também fora a Washington confiante no «new look» prometido, mas cujos 72 anos de idade já lhe permitem ser sincero na decepção, disse que «o melhor é voltar para casa e contar a verdade». Outros, entretanto, que não desesperam de conseguir mais um empréstimozinho do tipo que Washington recomenda para manter sempre seu controle sobre a economia e a política dos países latino-americanos, não podem assumir uma atitude tão franca.

Assim está o governo brasileiro. Enquanto o Ministro Negrão de Lima — que o «Time» chama de segundo do Sr. Schmidt — fala indignado, da «generosidade» da OPA, «que não pode ser ignorada», respondendo às ataques da «Hanson's Letters» à iniciativa diplomática do Sr. Kubitshchek, este se atemoriza pela irritação provocada nos «bons vizinhos do Norte», e volta atrás em tudo o que afirmara sobre o reatamento de relações com a

Este atestado de óbito da «Operação Pan-Americana» pode ser lido no último número da revista norte-americana «Time». Mas, na verdade, o leitor deve ler esse conhecido órgão de «public relations» da alta finança ianque, já advertido de que o «Time» não faz senão repetir — com um pouco mais de sarcasmo para com o governo brasileiro — o que antes dele já haviam afirmado outros órgãos da imprensa ianque, que nunca erram ao denunciar os pontos de vista do Departamento de Estado de Washington.

União Soviética. E o Hamarati se limita a distribuir a imprensa, ostentando um falso júbilo, o telegrama que recebeu do Dr. José Maza, profissional da burocracia pan-americana, cumprimentando-o pelo sucesso da OPA! E o Sr. Schmidt escreve no «O Globo», sem pestanejar sobre a definitiva consagração da OPA, disputando em cartilha com o Ministro Sette Câmara, que chegou de Washington declarando-se «radiante» com os trabalhos do «Comitê dos 21»!

Qualquer diplomata ou economista brasileiro, se não for arrendado pelo imperialismo, responderá com certeza qual o principal problema — e os meios de resolvê-lo — da política externa do Brasil. Nosso país precisa, essencialmente, de uma política externa que favoreça o desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que corrija o caráter deficitário do balanço de pagamentos do país. Para tanto, só há três medidas possíveis — a) sustar a descapitalização do país, realizada na drenagem de dólares e outras moedas fortes para o exterior, na forma de lucros, dividendos e royalties; b) conseguir acordos com países produtores de matérias primas, para defesa dos preços desses produtos; e c) diversificar o comércio exterior, escapando ao monopólio ianque sobre esse comércio.

Até pouco tempo atrás, apenas os comunistas formulávamos essa política, como a única capaz de salvar o país da falência e encaminhá-lo para o progresso. Hoje, entretanto, tanto os meios técnicos auxiliares do governo, como as associações nacionais de particulares já aceitam essa formulação política como necessária, e nem sequer discutem mais sobre sua validade; não haveria exagero em dizer-se, mesmo, que seu único defeito é o de não ter sido ainda tornada a política oficial do governo.

E nem poderia ser de outra forma, pois os fatos estão na realidade de todos os dias, visíveis para todos. Citemos apenas os mais recentes:

a) O último boletim da SUMOC mostra novamente como o suor dos brasileiros é sistematicamente canalizado para o bem-estar dos capitalistas de Wall Street; ele faz o balanço de entrada e saída de capitais no país, durante o primeiro semestre de 58, e constata que o país salu perdendo na troca em cerca de 50 milhões de dólares, mas observa ainda que a perda é muito maior, pois devem ser acrescentados aos 50 milhões os 37,5 milhões, obtidos como empréstimo «tapa buracos» do Fundo Monetário Internacional.

b) Estatística mais atualizada, do Serviço Especializado do Ministério da Fazenda, fornece um quadro igualmente sombrio sobre as exportações do país. Ela analisa as exportações durante o período de janeiro a setembro de

58, comparando-as com o período correspondente do ano passado, para concluir para e simplesmente que a produção brasileira exportada — como diz o câmpira, cresce como rabo de cavalo: seu volume e peso aumentam, mas seu valor em dólares diminui. Mais precisamente: o peso (5.750 toneladas) aumentou de 1,8%; o valor em cruzeiros (Cr\$ 44 bilhões) também aumentou, em 3,3%; mas o valor em dólares (US\$ 887 milhões) diminuiu em 9%, em relação a 57.

c) Sobre a necessidade, e possibilidade, da diversificação do comércio exterior, não há exemplo mais eloquente do que o caso das importações de petróleo. Os próprios amigos ianques são bastante gentis para dizer-nos, diariamente, (é verdade que na forma de argumento para que lhes entreguem a Petrobrás) que esse é o nosso principal problema de comércio exterior. O país é atualmente obrigado a importar, cada ano, cerca de 250 milhões de dólares (pagos nessa moeda) de petróleo e derivados. Daí o interesse com que o próprio Sr. Lucas Lopes descobriu a possibilidade de importar esse petróleo da União Soviética, que aceita pagamento em cacau e outros produtos brasileiros.

Os dados do problema são bastante claros, e só não os emergem aqueles que, acima de tudo, desejam salvar a política de conciliação com o imperialismo. Está claro, hoje, inclusive para vastas camadas da opinião pública nacional, que o país precisa de

uma política externa que se adapte aos seus interesses próprios. E somente uma política externa independente em relação ao imperialismo ianque, praticada por um governo de convicção nacionalista, será capaz de atender a essa exigência, porque só ela estará apta a selecionar e pôr dentro da lei os capitais estrangeiros, a atuar junto aos demais países subdesenvolvidos e ant imperialistas, nos organismos internacionais para a defesa de seus interesses comuns, a fazer comércio com todos os países do mundo.

Nesse sentido é que teriam alguma razão os jornais ianques — embora involuntariamente — quando afirmam que o lançamento da OPA foi uma tentativa do Presidente Kubitshchek de desviar a atenção da opinião pública dos problemas internos do país. Apenas, eles não foram bastante inteligentes para se perguntarem porque JK escolheu justamente a revisão das relações com os Estados Unidos como reivindicação

capaz de polarizar a atenção da opinião pública, e porque a operação deu tão bons resultados, em seu início.

O povo brasileiro já sabe que a revisão da política externa e, em particular, a revisão das nossas relações com os Estados Unidos, será o instrumento indispensável para a solução dos problemas internos do país. Não foi por outra razão que o governo viu-se obrigado a lançar-se na Operação Pan-Americana, e, mais ainda, a expor à luz do dia os aspectos mais dramáticos da contradição entre o imperialismo e o nacionalismo das nações jovens que procuram o progresso.

Mas, um vício de origem condenava ao fracasso a iniciativa do Sr. Kubitshchek: orientado pelos «conselhos» do Sr. Schmidt, o Presidente da República formulou sua Operação Pan-Americana como um movimento destinado a defender a «segurança militar dos Estados Unidos», por meio da consolidação econômica do «elo mais fraco» da cadeia político-militar liderada por este país. Além disso, o governo brasileiro, com a OPA, colocou o desenvolvimento do país inteiramente na dependência da ajuda de capitais ianques. Foi, assim, uma grande oportunidade dada ao imperialismo para que se «reformasse», e conciliasse seus

interesses com o das nações latino-americanas.

Porque essa reforma é impossível, pela natureza mesma do imperialismo, e porque não haverá desenvolvimento econômico a não ser por liberdade, essencialmente, dos recursos nacionais, a OPA, pelo menos em sua primeira formulação fracassou. E seu fracasso leva a um estágio mais agudo ainda a contradição entre o imperialismo e as nações subdesenvolvidas do Continente.

A contradição se agravando, o governo estará pressionado, com mais força ainda, pela exigência da opinião pública e dos meios econômicos interessados no desenvolvimento do país, a procurar novas soluções, mais avançadas no sentido da verdadeira política externa que o país aspira. E por esse processo que se explica a angústia com que alguns dos atuais responsáveis pela OPA se agarram aos restos do barco naufragado e gritam vitória. O fracasso da «sua» OPA é o seu próprio fracasso político, e eles já compreenderam que o povo focalizou neles — beneficiários ou intermediários do imperialismo — as peças defeituosas que devem ser afastadas dos postos de mando do governo, para que o país possa avançar no caminho do progresso.



NAS COMUNAS POPULARES — As Comunas Populares da China se espalham por todo o país. O entusiasmo empolga homens, mulheres e jovens. Todos à produção, para dar mais viveres ao povo, mais aço à indústria chinesa! Os filhos dos trabalhadores — de cada brigada de produção — contam com suas próprias cheches e jardins de infância. São simples, mas funcionam. E enquanto os pais trabalham, as crianças brincam.

Crônica Internacional

A SUBSTITUIÇÃO DE MAO TSE-TUNG

A decisão de Mao Tse-Tung de não candidatar-se à eleição à Presidência da República na próxima sessão ordinária da Assembleia Popular Nacional chinesa, em janeiro de 1959, teve natural repercussão em todo o mundo. O Comitê Central do Partido Comunista Chinês, reunido a 10 de dezembro, resolveu aceitar a sugestão de Mao Tse-Tung.

O fato mereceu comentários, a maioria dos quais simplesmente sensacionalistas, com o evidente intuito de semear confusão entre a opinião pública, levar lenha ao anti-comunismo, fazer acreditar num suposto fracasso da coletivização da agricultura chinesa e numa onda de descontentamento popular na China.

Será necessário lembrar os «fracassos» trombeteados pelas agências telegráficas e reproduzidos pela imprensa burguesa, como verdades irrefutáveis, nos primeiros anos da construção do socialismo na União Soviética? De «fracasso» em «fracasso» a URSS projetou-se na arena mundial como uma potência gigantesca, liquidando num prazo recorde o atraso multissecular da Rússia tsarista.

A história, de maneira agora mais insensata, porque sem levar em conta o raciocínio comum das pessoas comuns, é repetida em relação à República Popular da China. As invenções são idênticas, as conclusões as mesmas. Nisto, a propaganda anticomunista parou na década de 30.

No entanto, o mundo socialista marcha. E na sua vanguarda, ao lado da URSS, se encontra a China de Mao Tse-tung, a China que num período de menos de dez anos deu um salto formidável do feudalismo ao socialismo, depois de ter varrido o domínio das potências imperialistas que como fetas estragalhavam o seu território.

Ao contrário do que alardeia a propaganda reacionária,

as «comunas populares» se têm revelado um notável êxito na coletivização da agricultura, transformando por completo a fisionomia do campo chinês. Esta medida deu como resultado inicial o aumento — jamais registrado em qualquer país — de quase o dobro na colheita de cereais, entre 1957 e 1958. E a verdade é que as «comunas» estão hoje espalhadas por todo o imenso país.

É igualmente falso aludir-se a malogro da campanha de produção de aço. Os fornos «domésticos» tradicionais multiplicaram-se como cogumelos e a China está pondo em marcha seu plano audacioso de alcançar a Inglaterra na produção metalúrgica até 1965. De menos de 5 milhões de toneladas de aço no ano passado, alcançará mais de 10 milhões este ano.

Quer dizer, os problemas de um país tão grande como a China tornam-se dia a dia mais complexos. Este fato mesmo reclama a descentralização crescente da administração. Ao mesmo tempo, a construção do socialismo, o entusiasmo criador do povo — de um povo de mais de 600 milhões de almas — faz surgirem novos quadros, novos dirigentes, permitindo aos mais velhos e experimentados se dedicarem a tarefas específicas, sem acumular funções. Mao Tse-tung dedicou-se a agora mais atentamente aos problemas do Partido Comunista, que também cresce e se reforça ao ritmo da construção socialista. Permanecerá ele na presidência do partido, ao qual já deu contribuições teóricas de significação internacional.

O povo chinês compreenderá a decisão de Mao e do Comitê Central.

A reação e o imperialismo se equivocam se pensam em mudanças que lhes permitam pescar em águas turvas.

SEM NOÇÃO DO RIDÍCULO

Divulgaram alguns jornais um resumo do relatório tão altamente confidencial, elaborado pelo coronel Danilo Nunes, diretor da polícia política, sobre o retamento das relações comerciais entre o Brasil e a URSS. A opinião contrária daquele policial ao comércio com a União Soviética não constitui novidade, mas é bastante estranho que um problema tão importante da política exterior do país seja tratado de modo tão evasivo.

Sem material para forjar as habituais afirmações inverídicas sobre "infiltração comunista", ou "espionagem soviética" em relação com o retamento de relações — temas que já caíram no mais completo descrédito ante a opinião pública enveredada pelo coronel Danilo pelo terreno das vantagens e desvantagens econômicas no caso. Mas, mil vezes não tivesse mau sapateiro passado das minélas... São tantas e tais as sandices que afirma que o presente poderiam partir de uma pessoa que não respira outro ar que os das salas de uma delegacia de polícia política.

Uma das teclas em que bate com maior insistência o coronel-beleguim é a de que a União Soviética é um país industrialmente atrasado, que só produz equipamentos e máquinas obsoletos e, portanto, seria desvantajoso para o Brasil desfazer-se de matérias primas que representam divisas fortes — como o café e o algodão — em troca de velharias... Sabe o "sherlock" crioulo que há três anos os Estados Unidos — onde há pouco esteve o coronel Danilo e de certo pôde ver tratar-se de um país industrialmente desenvolvido — compraram à URSS turbinas para perfuração petrolífera? E as compraram porque eram o que havia de mais moderno no mundo? Recebeu o coronel Danilo, dos seus ativos (porém, pelo visto, broncos) agentes algum relatório sobre as moderníssimas máquinas expostas pela URSS na recente Feira de Bruxelas? Por fim: conhece o coronel Danilo o relatório elaborado recentemente pelo Itamarati sobre as tendências da economia mundial, no qual se prevê, para 1980, a ascensão da URSS à condição de primeira potência industrial do mundo, com uma renda "per capita" quase duas vezes maior que a dos Estados Unidos?

Afinal, quem tem razão? O coronel Danilo, louvando-se nos seus conselheiros tipo

boré, ou o Itamarati? Qual das duas é a opinião do governo? Será que o coronel acredita, mesmo, nos "sputniks"?

Tudo isto coloca o Brasil e os brasileiros numa situação difícil aos olhos de qualquer pessoa sensata, em qualquer parte do mundo. É profundamente ridículo. E, como diziam os franceses, o ridículo mata...

UM CASO DE POLÍCIA

O homem era visivelmente suspeito. Nascido na Indonésia, naturalizara-se chinês, desgostoso porque seu país ainda estava dominado pela Holanda. Além disso de Hong-Kong tomou navio, tocando-se para os Estados Unidos.

Na América do Norte a misteriosa criatura pretendia estudar eletricidade, o que também dá na vista, pois estamos na era da energia nuclear. Contudo sendo seu inglês fraco para se formar eletricitista "made in USA" passou a estudar matéria muito menos difícil e exigente de poucos conhecimentos linguísticos: Teologia.

A terrível aventura desse indivíduo não ficou por aí, pois dos Estados Unidos transferiu-se para o Brasil. E foi esta a sua desgraça, pois tendo conseguido burlar o Intelligence Service inglês e o FBI do senador Mac Carthy, caiu na mira do fabuloso coronel Danilo Nunes.

Eis aí, em poucas linhas, a história de um temível "agente vermelho", que depois de zombar da argúcia dos shlok de faro mais agudo, foi apanhado pela gola pelo coronel da Ordem Política e Social, já estando sendo traduzidos do chinês ou de qualquer idioma do sueste asiático, os papéis encontrados no poder do eletricitista-teólogo-sino-indonésio em vilegiatura pelo Brasil.

E é para entregar pão a um homem da estatura do coronel Danilo que um pobre padreiro se levanta todo dia de madrugada.

Um Renovador

O sr. Agildo Barata trahu o movimento revolucionário brasileiro sob a alegação de que se dispunha a renovar o marxismo. E passando às medidas concretas, lançou um semanário, "O Nacional", através de cujas páginas prometia realizar aquela obra ciclópica.

Agora está claro para todos em que consiste essa renovação. Um exemplo bem expressivo é a posição tomada pelo sr. Agildo e o seu jornal em relação aos recentes inquéritos acerca da Rêde Ferroviária Federal e da Petrobrás. Quando todos os patriotas, em defesa dos interesses nacionais, apontavam as manobras contra a Petrobrás encobertas na "operação Alexino" e protestavam contra os atos lesivos ao país praticados pelo sr. Renato Feio, o renegado Agildo saía a campo para dar cobertura ao entreguismo. "O Nacional" tornou-se órgão oficial do sr. Alexino Bittencourt e da direção da Rêde Ferroviária Federal. E como se isso não fosse bastante, o sr. Agildo passou a acompanhar o entreguista Feio todas as vezes em que este comparecia à Comissão de Inquérito da Câmara, confundindo-se com um verdadeiro guarda-costas.

Aí está em que se reduziu, na prática, a renovação do marxismo e do movimento revolucionário, anunciada com tanto alarde pelo sr. Barata e a meia dúzia que o seguiu...

Preso Alfredo Alcorta pela ditadura de Stroessner

ASSUNÇÃO, dezembro — Alfredo Alcorta, membro do Comitê Central e da Comissão Política do Partido Comunista do Paraguai, foi preso pela polícia do ditador Stroessner. Desaparecido desde meados de novembro passado, Alcorta foi visto posteriormente, desmaldado, na sede da Polícia desta Capital, em consequência dos brutais espancamentos que sofreu. Sua vida corre perigo.

Após a grande greve geral dos trabalhadores paraguaios de agosto último, que sacudiu os alicerces da ditadura de Stroessner, o governo re-

NOSSA POSIÇÃO EM FACE DO GOVÉRNO

É cada dia mais insustentável a política vacilante e contraditória realizada pelo governo do sr. Kubitschek, constituída de compromissos com o imperialismo americano e de concessões às correntes nacionalistas e democráticas, de projetos de desenvolvimento econômico do país acompanhados de medidas que significam, em última análise, obstáculos a esse desenvolvimento.

SOB a pressão das forças populares e do movimento nacionalista, o governo tem sido obrigado a ceder numa série de questões importantes. As lutas de massas contra a carestia forçaram Kubitschek a congelar os preços de vários gêneros de primeira necessidade, embora se trate de medida ainda precária e que não resolve fundamentalmente o sério problema do custo da vida. O aumento imediato do salário-mínimo e o abono ao funcionalismo importam em golpes desfechados pelos trabalhadores e pela classe média no plano antinacional do ministro Lucas Lopes, traçado sob a inspiração do Fundo Monetário Internacional. Denunciando as origens entreguistas do ataque lançado pelo coronel Alexino contra a Petrobrás, os nacionalistas obtiveram um êxito marcante com a reafirmação da política petrolífera nacional. Fracassaram até agora todos os intentos de isolar e afastar do governo o general Teixeira Lott, apesar das sucessivas crises militares forjadas com este objetivo.

INEGAVELMENTE, é necessário valorizar estes êxitos parciais. Eles confirmam que o governo atual, em que pese a presença de grupos antinacionais e reacionários em seu seio, é sensível às exigências das massas e à ação das forças nacionalistas.

NÃO se pode esquecer, no entanto, que estes atos positivos do governo significam concessões limitadas, com um caráter de certo modo momentâneo, e não implicam ainda em alterações decisivas nos rumos da política nacional. A verdade é que o sr. Kubitschek continua a hesitar na adoção de soluções fundamentais e já inadiáveis para os problemas críticos da vida econômica e política do país.

O governo continua a ceder à influência do grupo entreguista quando insiste na

execução do criminoso plano de estabilização monetária, tramado por Lucas Lopes e seus patrões lanques do Fundo Monetário Internacional. O simples aumento do imposto de consumo, que o governo exige do parlamento, determinará uma elevação no custo da vida capaz de anular, em curto prazo, os efeitos positivos do aumento de salários e vencimentos.

O governo continua a inclinar-se diante dos elementos mais reacionários, quando admite a interferência injustificável de "conselheiros políticos" como o cardeal Câmara e o coronel Danilo em assunto do mais alto interesse nacional como a ampliação de nosso comércio exterior aos países socialistas.

ESTA política vacilante e pusilânime do governo estimula sua impopularidade, contribui para sua desmoralização e abre o flanco a novas investidas golpistas, que já estão sendo articuladas, conforme denunciávamos em outro local desta edição.

DIANTE disto, as forças nacionalistas e populares, a classe operária e, em particular, os comunistas, não podem limitar-se a uma política de apoio aos atos positivos do governo e de combate aos seus atos negativos. Uma política que consista unicamente nesta duas atitudes coloca as forças antiimperialistas e democráticas numa posição de expectativa, que contém elementos de passividade.

DESDE que a política do governo não corresponde, em várias questões essenciais, aos interesses da nação, o que se faz necessário é a luta permanente e tenaz para modificar a política do governo e sua própria composição num sentido favorável ao desenvolvimento independente do país.

AS forças nacionalistas não podem continuar esperando que o governo afinal se decida a tomar uma decisão já madura, urgente e inadiável como o retamento de relações com a URSS. Não podem continuar a tolerar a atuação entreguista do Lucas Lopes ou as manobras antidemocráticas do coronel Danilo. É chegado o momento de exigir do governo que tome decisões.

dobrou sua caça aos patriotas, em particular aos mais ativos, firmes e consequentes, como Alcorta. O movimento operário pa-

raguajo espera que todas as organizações democráticas da América Latina enviem às autoridades paraguaias, telegramas e cartas reclamando

garantias e liberdade imediata para Alcorta, assim como para Maldana, Julio Rojas, Berganza e muitos outros patriotas.

semana PARLAMENTAR

PAULO MOTTA LIMA

COMO que respondendo, através de fatos, às afirmações insidiosas de D. Jaime Câmara sobre a existência, no Parlamento, de pessoas venais e sem compostura, a Câmara encerrou, sábado, de maneira feliz, o inquérito sobre o funcionamento da Rêde Ferroviária Federal e episódios correlatos.

Nos últimos dias de trabalho da Comissão Parlamentar que realizava aquela investigação manifestou-se violenta pressão de setores entreguistas do Executivo sobre os membros da Comissão. Exatamente quando era divulgada, com o natural cunho de sensacionalismo, a assacadhila do cardeal. Essa pressão foi apoiada sobretudo em jornais do tipo do "O Globo". A ela, no entanto, cedeu apenas o sr. José Pedroso, o pecador penitente a quem, no gabinete do sr. Ranieri Mazzilli, D. Jaime Câmara concedera indulgência plenária, minutos antes de haver tentado, sem grande talento, botar meia sola em sua clamorosa levandade, atirada contra um dos três poderes da República, no programa "Voz do Pastor".

COM efeito, a Comissão de Inquérito incumbida de investigar sobre a atuação antinacional do engenheiro Renato Feio rejeitou o relatório em que o sr. Pedroso havia cedido a poderosas pressões do oficialismo e transformou em resolução o voto em separado do sr. Carvalho Sobrinho, de cunho nacionalista. Assim, a Comissão constatou a existência de anormalidades na atuação do sr. Feio, julgou o relatório Pedroso insuficiente e denunciou a administração Feio como prejudicial ao interesse brasileiro e desrespeitosa às leis e regulamentos que dispõem sobre o funcionamento da Rêde Ferroviária Federal.

Tomaram essa decisão os srs. Aluísio Alves, da UDN, Hermes de Souza, do PSD, Victor Issler, do PTB e Vasco Filho, da UDN. O sr. Carvalho Sobrinho, cujo trabalho mereceu aceitação da Comissão quase unânime, pertence ao

Lacerda, os Tubarões do Ensino e a Vitória sobre o entreguismo na Rêde Ferroviária

PSP de São Paulo. O relatório pede ao Governo que sejam adotadas medidas para sanar as irregularidades da administração Feio e que dêem um parapeito às importações de materiais ou equipamentos ferroviários que tenham similares no Brasil. Essa disposição constitui golpe de morte na política do sr. Feio, escandalosamente favorável aos interesses da empresa norte-americana Budd Company, exportadora de custosíssimos carros de aço inoxidável e de sua associada brasileira MAFERSA, de São Paulo. Além disso, a resolução da Comissão recomenda a produção, por Volta Redonda, de aços de baixa liga destinados à fabricação nacional de carros metálicos de passageiros e de carga. Produzido esse material em quantidades que atendam à demanda das fábricas nacionais, não mais haverá pretexto para que os amigos de empresas estrangeiras como a Budd Company procurem justificar as inconvenientes importações de equipamentos estrangeiros de alto custo, o que, além de sufocar a nascente indústria brasileira de carros e vagões de carga, importava em desnecessário gasto de divisas.

Usando da influência que lhe dá o cargo de líder da UDN, o sr. Carlos Lacerda, que conduz, pregado nas costas, um letreiro luminoso, proclamando sua própria honestidade, aproveitou a confusão dos últimos dias da legislatura, que finda para impingir um substitutivo bastante suspeito ao projeto de Diretrizes e Bases do Ensino. Sob pretexto de combater imaginária ditadura do Ministério da Educação no ensino, Lacerda pretende constituir uma ditadura de fato, que seria a dos gananciosos proprietários de colégios. Ao mesmo tempo o projeto Lacerda tenta reforçar a influência do cloro no ensino, já hoje semileigo, influência esta que se faria sentir principalmente através da mais obscurantista das congregações eclesásticas, a Companhia de Jesus, de sinistra memória. Segundo o projeto Lacerda, seriam instituídos conselhos com evidente preponderância dos proprietários de colégios, os quais passariam a decidir sobre

os destinos da educação no Brasil, naturalmente de acordo com as conveniências de seus rendosos estabelecimentos.

PROVOCOU muitos protestos a investida do impoluto líder da UDN. Lacerda sentiu então necessidade de negociar, o que conseguiu fazer, contando para isso com as boas graças de seu antigo companheiro de Clube da Lanterna, o atual líder do governo do sr. Juscelino Kubitschek, na Câmara, sr. Armando Falcão. O projeto, para não ser derrotado, saiu da ordem do dia. Agora seu autor negocia sua aprovação em troca dos votos de sua bancada, de que o governo precisa, a fim de que passem depressa o Imposto do Sêlo e outras proposições importantes.

O sr. Sérgio Magalhães denunciou em discurso alguns dos responsáveis pela crise econômico-financeira. Trata-se, segundo o representante carioca, dos grupos de especuladores que elevam abusiva e impunemente os preços de suas mercadorias. Foi mencionado pelo orador o cartel do cimento, mercadoria cujo preço foi multiplicado por oito, no mesmo espaço de tempo em que, entre ferozes reclamações de certos círculos de empregadores e em meio a palpites idiotas de economistas de meia tigela, os salários apenas triplicaram, embora sempre minguados, em comparação com os índices do custo de vida.

NA convocação extraordinária que se seguiu ao encerramento do período normal de trabalho do Congresso vai ser decidido o caso do aumento dos servidores civis e militares. A entrega do memorial das associações de servidores empenhadas nessa campanha constitui negável sucesso, como trabalho de mobilização e de organização dos servidores, que realizaram, nas escadarias do Palácio Tiradentes, manifestação verdadeiramente vigorosa. E aqui vai a expressão "manifestação vigorosa" sem o sentido de clichê muito batido e desligado da realidade.

FARSA ELEITORAL

- ★ VITÓRIOSOS O APÊLO AO BOICOTE
- ★ INTERFERÊNCIA ABERTA DE WASHINGTON
- ★ AGUERO, MERO CONTINUADOR DE BATISTA
- ★ MANIFESTO DOS COMUNISTAS CUBANOS

HAVANA — Dezembro — (Especial para VOZ OPERÁRIA) — O continuador do tirano Batista, eleito na farsa eleitoral de 3 de novembro, Rivero Aguero, não representa o povo cubano. O seu governo será formado com o míngua apoio de infima fração do eleitorado cubano que, atendendo ao apelo do Partido Socialista Popular e do Movimento 26 de Julho, através de seu líder Fidel Castro, manteve-se afastado das urnas. Dos eleitores inscritos, votaram menos de 25%.

DURA DERROTA PARA A TIRANIA
De nada serviram ao tirano nem o apoio ostensivo do imperialismo norte-americano nem o terror policial. O repúdio popular

A tirania manteve durante toda a campanha eleitoral a mais rigorosa censura de imprensa e, às vésperas do pleito foi decretada a suspensão das garantias constitucionais por mais 45 dias. Somente aos candidatos "oposicionistas", cúmplices da farsa, Grau San Martín e Marquez Sterling foi permitido o acesso à imprensa, às rádios e à TV. Como parte do plano, dias antes da eleição circulou por todo o país (sabese que a fonte foi a própria Embaixada Norte-Americana) que o candidato "oposicionista" Marquez Sterling era o preferido pela Embaixada.

BOICOTE FOI MANIFESTAÇÃO DE REPÓDIO

Face tal situação, deliberaram o Partido Socialista Popular, o Movimento 26 de Julho e outras organizações populares, verdadeiramente oposicionistas, lançar a palavra de ordem do boicote às urnas da tirania.

Fidel Castro, líder do Movimento 26 de Julho, denunciou ao povo o embuste da anunciada greve geral para o dia do pleito, e os perigos das provocações armadas pela tirania, apelando à serenidade à vigilância e ao afastamento das urnas. Organizações populares fizeram circular

seus manifestos no mesmo sentido, e o Comitê Nacional do P.S.P. lançou veemente apelo ao povo para que derrotasse a farsa continuista de Batista não comparecendo às urnas, e que se unisse para a conquista de uma solução de paz e de democracia para sua pátria.

No dia 3 de novembro, atendendo ao apelo, os eleitores deixaram vazios os Colégios Eleitorais. A despeito do terror, das ameaças e das fraudes, a votação real não atingiu a 25% do eleitorado registrado. Dos membros das mesas designadas pelo partido de Marquez Sterling (Par-

tido do Povo Livre), 50% não compareceram no dia da eleição; entre os partidários de Grau San Martín designados para as mesmas funções, a defeção foi de 33%.

A extensão da fraude pode ser avaliada por alguns exemplos: somente num bairro da capital Arroyo Apolo, um agente eleitoral do governo votou 17 vezes. Às 12 horas de 3 de novembro, os resultados oficiais davam um comparecimento de apenas... 36% dos eleitores inscritos em 405 Colégios Eleitorais; a essa hora, entretanto, já se anunciavam os resultados do comparecimento a nada menos de 2.000 Colégios Eleitorais, e não 405; às 12 horas do dia seguinte, num passe de mágica, a porcentagem de votantes passa misteriosamente de 36 para 50% dos eleitores inscritos.

INTERFERÊNCIA DE WASHINGTON
Durante toda a campanha eleitoral e até ao momento da votação foi ostensiva e aberta a presença do imperialismo norte-americano, esforçando-se por garantir o tirano e assegurar a vitória de seu candidato Aguero. Esse um dos objetivos das ameaçadoras declarações de Lincoln White, porta-voz do Departamento de Estado de Washington, contra o exército revolucionário que luta contra Batista, e caluniando o

CONCLUSÃO NA PÁG. 11)

NOTAS sobre LIVROS

* ASTROJILDO PEREIRA *

Depois do Discurso aos Surdos, em 1955, e de Uma Política sem Preconceitos, em 1957, o Senador Lourival Fontes reuniu em volume, sob o título Política, Petróleo e População, três dos seus últimos discursos no Senado. A linha geral de sua orientação é a mesma, nem variaram os impulsos generosos e construtivos que inspiram o representante pernambuco. Isto é fácil de se ver; mas além disso há ainda uma outra nota que me parece constante em todos esses trabalhos — é a do contraste entre o destemor e a audácia das críticas, por um lado, e as limitações e os preconceitos que, por outro lado, embaraçam e tolhem a formulação de soluções adequadas e viáveis. Este é o seu lado débil. E débil, convém acrescentar, não só do ponto-de-vista prático como principalmente do ponto-de-vista teórico. Nem há outra explicação para o esforço que visa a encontrar e adotar uma "terceira posição" de suposta "equidistância" ou de possível "equilíbrio".

Como se vê pelo título, o volume de agora se compõe de três partes autônomas, consagrando-as respectivamente, aos "partidos políticos", à "guerra do petróleo" e à "explosão populacional".

A crítica aos partidos políticos, sua natureza e seu funcionamento, especialmente entre nós, é feita com inteligência e vigor, mas nem sempre desce ao fundo ou à essência do problema, que é acima de tudo e antes de mais nada, um problema de classe. Compreendemos muito melhor o que se passa com os partidos políticos brasileiros quando os examinamos sob um critério de classe.

Olhando para fora do nosso país, agora mesmo, estamos vendo o que ocorre na França, onde os partidos da burguesia se concentram, forjam uma lei eleitoral sob medida, para o fim de, com a ajuda dos partidos da "terceira posição", o "socialista" em primeiro lugar, barrar o acesso ao poder da classe operária, inclusive pela utilização da via parlamentar. Em resultado de tais manobras o partido reacionário de De Gaulle surge com 180 deputados eleitos por 3.600.000 votos e os comunistas, partido majoritário apoiado por mais de 3.800.000 votos, reduziu-se a apenas 19 deputados. Aritmética de classe, evidentemente.

Na questão do petróleo, que é sem dúvida, o mais tenebroso negócio do mundo capitalista e imperialista, não é menos vigorosa a crítica formulada pelo autor; mas a margem de confusão patenteia-se aí a cada passo. Por exemplo, quando se refere ao "truste" soviético do petróleo, que "inclui a România e a Polónia". Ora, semelhante afirmativa não corresponde à verdade. O "truste" soviético, ou seja, o monopólio estatal do petróleo soviético é exclusivamente soviético, organização, empresa, negócio, trabalho do Estado Soviético. Os trustes ou monopólios estatais do petróleo russo ou polonês pertencem respectivamente à România e à Polónia, Estados Socialistas independentes e soberanos. Esta é que é realidade verdadeira, e o resto é confusão resultante da propaganda inimiga.

Outra afirmativa destituída de fundamento real é aquela que aponta a situação política da Bolívia como sendo tal que "as chaves do poder" foram outorgadas ao "comunismo". Comunismo, poder comunista, na Bolívia? Admita que o Senador Lourival Fontes, homem geralmente bem informado, subscrisse tamanha e tão grosseira inverdade.

Na terceira parte do livro, estão condensados muitos dados estatísticos e econômicos de extremo interesse acerca do problema populacional do mundo. O autor mostra-se quase alarmado com o crescente ritmo de crescimento da população mundial. O problema é grave, mas não me parece alarmante nem muito menos desesperador.

No próprio livro há um dado estatístico que explica muita coisa — relativo à densidade atual da população no mundo e nos continentes mais habitados. Reparem: densidade por quilômetro quadrado, no mundo inteiro, 19 habitantes; na Ásia 54; na Europa 88. Ora, se na Ásia, continente de maior população, a densidade é ainda tão baixa em relação à Europa, e visto que o nível de vida do europeu em geral é muito mais alto que o nível de vida do asiático em geral, a questão começa a se esclarecer quando pensamos nas possibilidades de uma Ásia independente, próspera, industrializada, para poder folgadoamente atender às necessidades econômicas e culturais de suas populações.

A este respeito, o exemplo da China, com os seus 600 milhões, é claro e creio que definitivo. Até 1949, a China se contava entre os países mais atrasados, de mais baixo nível de vida; em menos de dez anos, com o governo popular, tudo mudou ali. O progresso chinês é hoje, sabidamente, uma coisa real, que impressiona profundamente a gregos e troianos. A sua população cresce em ritmo acelerado; mas o seu desenvolvimento econômico e cultural cresce em ritmo ainda mais acelerado. E assim podemos compreender como e porque é possível, em termos realistas e humanos, enfrentar o grave problema populacional do mundo. Há ainda espaço na Terra para muitos bilhões de habitantes, e praticamente não há limites à produção de alimentos e outros bens de consumo, desde que os meios e os métodos de produção sejam racionalmente utilizados em benefício das coletividades e não apenas para satisfazer os objetivos egoísticos de minorias privilegiadas.

Destacamos alguns dos aspectos negativos dos brilhantes estudos enfeitados neste volume pelo Senador Lourival Fontes. Poderíamos apontar ainda outros. Mas reconhecemos, sem nenhum favor, que se trata de estudos realmente importantes, baseados em rica documentação e vasculhados em forma excelente, coisa não comum em trabalhos de tal natureza. E o que há nelas de positivo sobrepõe de muito o negativo.

VIDA ECONÔMICA

QUAL o verdadeiro valor do cruzeiro em relação ao dólar?

A resposta não é fácil, uma vez que o atual sistema cambial vigente em nosso país implica numa multiplicidade de taxas.

A atual taxa oficial, declarada pelo governo brasileiro ao Fundo Monetário Internacional em 1948, é de Cr\$ 18,50 por dólar. Esta taxa, entretanto, como é por demais sabido, não vigora nos negócios correntes de câmbio e comércio exterior.

A taxa do chamado custo de câmbio está atualmente fixada em Cr\$ 80,00 por dólar. Com ela se realizam as importações do petróleo e derivados, trigo, certos equipamentos considerados essenciais para a economia nacional e pouca coisa mais. As importações com a taxa do custo de câmbio devem somar cerca de meio bilhão de dólares, anualmente.

OUTRA grande massa de importações se realiza com o dólar da categoria geral dos leilões de câmbio do Banco do Brasil. Em setembro último, o dólar da categoria geral, atingiu a cotação média de Cr\$ 209,00. Para uma pequena quantidade de artigos de luxo vigora o dólar da categoria especial, que chegou a Cr\$ 410,00, naquele mesmo mês. A média ponderada das duas categorias, segundo a revista "Conjuntura Econômica" de novembro, dá Cr\$... 213,00 por dólar.

TEMOS ainda o dólar do mercado livre, onde se abastecem as companhias estrangeiras para as remessas de certa parte dos seus rendimentos. Depois de ter subido a Cr\$ 160,00 recentemente, o dólar do mercado livre se encontra agora beirando os Cr\$ 140,00. Efeito evidente da Instrução 167 da SUMOC, que lançou no mercado livre as divisas provenientes de certa quantidade de artigos de exportação.

E, finalmente, ainda há a registrar o dólar fiscal, que serve para cálculo de tarifas aduaneiras. Atualmente, encontra-se fixado em Cr\$ 156,00 acompanhando as elevações da cotação nas diversas categorias.

A primeira vista, afigura-se possível descobrir, em meio a todo este artificialismo cambial, a verdadeira cotação do cruzeiro em relação ao dólar, executando complicados cálculos que nos levem à média ponderada de todas as cotações. Mas ainda assim, não teremos chegado a definir o verdadeiro valor do cruzeiro, porque para isto é indispensável considerar um outro dado, que quase sempre é omitido. Este dado diz respeito à desvalorização do próprio dólar.

EMBORA mantenha a sua paridade-ouro oficial de 35 dólares por onça de metal-padrão, o fato é que o dólar tem se desvalorizado no mercado interno dos Estados Unidos. Basta verificar que, tornando 1953 igual a 100, o índice dos preços no mercado, subiu, naquele país, de 46 em 1938, para 104, em 1956 (fonte: ONU). Isto já significa,

QUAL DEVE SER A REAL COTAÇÃO DO CRUZEIRO?

no período indicado, que a moeda norte-americana se desvalorizou em mais de uma vez. Fato que coincide com uma conclusão da publicação francesa "Perspectives Économiques", segundo a qual o preço do ouro corresponderia à realidade se fosse de 70 dólares e não de 35 por onça. Mas o governo dos Estados Unidos, detentor de mais da metade das reservas-ouro do mundo, e contando com excepcional poderio econômico, impõe aquela última prego, falseando, assim, a cotação das divisas de todos os demais países do mundo capitalista.

E, por isto, unilateral medir o valor do cruzeiro, somente considerando fatores como a inflação, que grassa em nosso país, e a escassez de divisas tão aguda em 1958. Um outro fator não pode faltar aí, ou seja, o candente poder aquisitivo do dólar no mercado norte-americano.

FOI o que fizeram os economistas do Itamarati para elaborar os seus conhecidos estudos, que serviram de base às propostas brasileiras no Comitê dos 21, em Washington. Escolhendo o dólar para denominador monetário dos seus cálculos, adotaram uma taxa de conversão de 62 cruzeiros por dólar, a mesma de que se vale a CEPAL. Para chegar a esta taxa de conversão, partiram — segundo afirmam — da desvalorização real interna do poder de compra do cruzeiro comparada com a desvalorização do poder aquisitivo interno do dólar.

ORA, a menor cotação do cruzeiro para fins de importação, é de 80 por dólar (custo de câmbio). Na categoria geral, já vai além de 200 cruzeiros por dólar. Mas se o valor real do dólar é de 62 cruzeiros, fácil se torna perceber que sofremos um verdadeiro esbulho no nosso intercâmbio comercial com os Estados Unidos. Grosso modo, talvez se pudesse dizer que deveríamos receber dois dólares por cada produto que vendemos agora por um dólar. Ou inversamente: que deveríamos pagar apenas um dólar por tudo o que nos custa dois, nos Estados Unidos. Nestas condições, como afirmar que os preços dos nossos produtos de exportação são "excessivos" e que seria "justo e normal" a sua baixa? Tal afirmação só pode partir daqueles que objetivam agravar ainda mais o processo de esbulho da economia nacional pelos monopólios norte-americanos.

POR aí se pode avaliar também o quanto seria antinacional a reforma cambial preconizada, com insuficiente disfarce, pelo Plano de Estabilização Monetária do ministro Lucas Lopes. O Plano — que não chegou a vingar — se propunha "a reaproximação dos valores internos e externos da moeda", ou seja, o estabelecimento de uma taxa única no ponto mais baixo de uma desvalorização, que não refletisse a verdadeira relação entre o cruzeiro e o dólar. Medida idêntica, segundo informam as agências telegráficas, também está sendo imposta à Argentina e igualmente a título de estabilização monetária. Já se vê que são os mesmos os interessados atrás dessas "estabilizações". Para o povo brasileiro (e certamente para o argentino), a estabilização não pode deixar de ser conjugada à valorização da respectiva moeda nacional. O que por sua vez só é possível à medida em que a economia nacional se liberta da sua dependência para com o imperialismo norte-americano, desprendendo-se dos laços que a amarram à área do dólar.

ARTIGO DE Ponomariov "O movimento comunista internacional em nova etapa"

ERGUEM-SE OS POVOS DA AMÉRICA LATINA CONTRA O IMPERIALISMO

O número 15 da revista «O Comunista», órgão teórico e político do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, publica um longo artigo de Ponomariov, membro do CC do PCUS, intitulado «O movimento comunista internacional em nova etapa».

«O traço característico da atual etapa — escreve Ponomariov — é o aceleração dos processos sociais. Segue ele por duas linhas contrapostas. A ritmo mais rápido avançam os países do sistema mundial socialista pelo caminho da construção do socialismo e do comunismo. A ritmos mais rápidos do que antes operam-se a desagregação e a queda do capitalismo, a acentuação da crise geral do capitalismo, o agravamento de todas as contradições do sistema capitalista. Estes fatos também se exprimem nos grandes choques de classes dentro do sistema capitalista, nos embates entre as forças da paz e do socialismo e aquelas da guerra e da reação imperialista.

A análise teórica do desenvolvimento internacional atual é as conclusões desta análise, feitas nas resoluções do XX Congresso do PCUS e nos documentos das Conferências de Moscou, são plenamente confirmadas pela vida.»

O FORTALECIMENTO DO CAMPO SOCIALISTA

EM seguida, o articulista passa a analisar o progresso efetuado neste ano decorrido desde as Conferências de Moscou nos países socialistas. Alinha uma série de cifras indicativas do progresso impetuoso efetuado por estes países, contrastando-as com o quadro de crise, dificuldades e queda da produção que caracteriza o mundo capitalista.

O aumento do poderio industrial do campo socialista e do crescimento do bem-estar de sua população de um bilhão de habitantes — indica

TREME O MUNDO CAPITALISTA

PONOMARIOV passa, depois, à análise da situação no mundo capitalista, onde saltam ao primeiro plano o aprofundamento de suas dificuldades e a sua visível desagregação. Cresce o número de desempregados em quase todos os países capitalistas, acompanhando a queda da produção industrial. De par com isso, os movimentos grevistas e reivindicativos dos trabalhadores assumem proporções significativamente maiores, fazendo romper-se como bôlhas de sabão a tagarelice dos reformistas acerca de um comêço do «crepúsculo da luta grevista».

No quadro que apresenta o

LUTAM OS POVOS DA AMÉRICA LATINA

O articulista detém-se particularmente no exame da situação na América Latina e escreve: «Processos muito importantes desenrolam-se nos países da América Latina. Durante muito tempo, os imperialistas dos Estados Unidos consideraram a América Latina como uma esfera para aplicação dos seus capitais, como a retaguarda estratégica na preparação de uma nova guerra mundial. «A política dos Estados Unidos — testemunha um deputado ao Congresso peruano — sempre foi orientada no sentido de manter a economia latino-americana numa situação de dependência e usar estes países como seu próprio quintal, que deve servir para a satisfação dos interesses americanos.» Os monopólios americanos apoderaram-se das empresas que extraem as principais riquezas naturais da América Latina. A pilhagem das riquezas dos países da América Latina, a exploração dos seus povos pelos monopólios dos Estados Unidos assumiram proporções monstruosas. Segundo dados estatísticos da ONU, entre 1946 e 1954 sobre cada dólar invertido na América Latina, os monopólios norte-americanos extraíram 3.17 dólares de lucro. Tendo-se apoderado das riquezas dos países da América Latina, os monopólios dos Estados Unidos esforçam-se por todos os meios para esmagar qualquer movimento contra a exploração econômica e a opressão política dos povos destes países por parte do imperialismo norte-americano.

★ Duas linhas contrapostas: avanço do sistema capitalista e desagregação do capitalismo

★ Cresce a cada dia a significação das lutas na América Latina pela independência nacional e a democracia

★ Libertam-se os povos da ideologia escravista, inoculada pelo imperialismo

★ Os êxitos do movimento comunista internacional

Atualmente, porém, os povos da América Latina levantam-se com crescente resolução na luta em defesa das suas riquezas nacionais, pelas liberdades democráticas. A América Latina é um vulcão em erupção. Ora num, ora noutro país, verificam-se explosões que derrocam os regimes reacionários, afrouxando os vínculos que amarram suas economias aos monopólios dos Estados Unidos.

Em maio de 1957, como resultado da insurreição do povo da Colômbia, foi derrubado o ditador Pinilla, criatura dos monopólios americanos. Acontecimentos semelhantes verificaram-se na Venezuela. Em 1957, por iniciativa das forças progressistas e patrióticas, foi criada na Venezuela a «Junta Patriótica» para a luta contra o sanguinário regime de Jimenez. Em suas fileiras, ao lado dos comunistas, ingressaram representantes de partidos burgueses: da «Acción Democrática», do Partido Social-Democrata e da União Democrática Republicana. A «Junta Patriótica», unindo as massas populares, a 21 de janeiro de 1958 lançou um apêlo à greve geral, que depois se transformou em insurreição armada. Como resultado das ações da classe operária, dos estudantes, de algumas camadas da burguesia nacional e de parte do exército, foi derrubado o governo de Jimenez.

As forças que lutam pelo fortalecimento da independência nacional, pela democracia e pela libertação econômica dos seus países da dominação dos monopólios dos Estados Unidos, crescem na Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e em outros países. A expressão deste fato foi a derrota dos planos reacionários, dos candidatos antipopulares nas eleições gerais na Argentina. Foi criada no Chile a Frente de Ação Popular, unindo as forças ant imperialistas nacionais: os partidos Comunista, Socialista, Democrático e do Trabalho. Formou-se no Brasil uma frente nacionalista.

Particularidade importante da atual etapa da luta libertadora na América Latina é o crescente papel que nela desempenha a classe operária. Precisamente a participação da classe operária outorga ao movimento nacional-libertador na América Latina um caráter ant imperialista tão claramente expresso. Antes,

quando a questão do poder estatal era resolvida fundamentalmente pelo exército e pelos círculos da grande burguesia compradora e dos latifundiários, um ditador era substituído por outro ditador. Graças à participação das amplas massas populares e principalmente da classe operária, em substituição a uma ditadura militar derrubada surgem regimes parlamentar-burgueses, que concedem ao povo certas liberdades democráticas.

Sob a pressão das massas populares, em muitos países da América Latina tornou-se mais freqüente do que nunca apresentarem-se aos Estados Unidos exigências no sentido de rever as relações econômicas, de estabelecer justos preços para os produtos de exportação da América Latina, a fim de defender as riquezas nacionais dos atentados por parte dos monopólios americanos. O Congresso brasileiro aprovou uma lei sobre as reservas nacionais de minérios atômicos e a proibição de sua exportação do país e também acerca da anulação dos acordos secretos com os Estados Unidos a este respeito.

As contradições entre os Estados Unidos e os países da América Latina acentuaram-se em relação com a crise que acaba de iniciar-se nos Estados Unidos. Esforçando-se por escapar da crise, os Estados Unidos elevaram os impostos aduaneiros sobre a produção exportada pelos países da América Latina, passaram a vender por preços de dumping os excedentes de sua produção, o que acarretou imensos prejuízos à economia dos países latino-americanos. Para fazer frente ao imperialismo norte-americano, os países latino-americanos empreendem alguns passos no sentido de reforçamento de suas relações mútuas e de sua unidade. Fracassam as tentativas dos Estados Unidos para atrair os países latino-americanos a blocos militares, para criar o chamado pacto do Atlântico Sul.

Os Estados Unidos ainda dispõem de fortes posições nos países da América Latina. Seu prestígio, porém, cala a cada dia. Os povos da América Latina querem eles próprios dispor de suas riquezas, edificar sua vida sem interferências de fora. A luta por estes objetivos amplia-se mais e mais e já deu seus primeiros frutos.

LIBERTAÇÃO DA IDEOLOGIA ESCRAVISTA

SIMULTANEAMENTE com libertação da dependência colonial e semicolonial, prossegue Ponomariov, ocorre outro processo: o da libertação dos povos da antiga ideologia, da ideologia escravista, inoculada pe-

lo imperialismo. Os representantes da ideologia da libertação nacional, conseqüentes até o fim, os representantes da classe avançada destas nações, demonstram que, uma vez conseguida a libertação do jugo colonial, não é possível deter-se a meio do caminho, que, em caso algum, é possível repetir o doloroso caminho percorrido pelos países capitalistas, que é preciso seguir seu próprio curso, atual, através da independência nacional, da liberdade e do progresso social.

Esse processo de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes suscita furiosa resistência do imperialismo, como mostram os exemplos do Oriente-Médio e da região de Taiwan.

Entretanto, a guerra já não é uma fatalidade inevitável. Na consciência das massas populares enraiza-se cada vez mais profundamente a con-

clusão de que se não houvesse o campo socialista, então não haveria paz no mundo. Entretanto, não desapareceu o perigo de guerra.

Principal baluarte da paz, seria equivocado tomá-lo por fraqueza a política de paz do campo socialista. Como afirma a Declaração de Moscou, o poderio unido das forças

(CONCLUI NA PAG. 11)

QUESTÃO ABERTA

João Antônio

Gorda foi caprichosamente equipado para sua primeira e última viagem a cerca de 960 quilômetros de altura. Usava um capacete elétrico, forrado de pele de camelo. Colocaram-no deitado com os joelhos suspensos, em posição tida como «very comfortable». O vistoso capacete, por sua vez, estava preso por fios de nylon à cama de borracha sintética. Sobre seus braços magros e nervosos prendiam-se termômetros e no peito via-se um microfone enrolado em espuma de borracha para ampliar as batidas de seu coração sentimental e simiesco. Um instrumento ligado ao capacete registrava-lhe a respiração.

Os poderosos meios de propaganda dos Estados Unidos divulgaram em textos redacionais e nas páginas de propaganda comercial as marcas e os nomes das firmas fabricantes do capacete elétrico e dos materiais nele empregados; do leito de borracha; dos fios de nylon presos ao capacete; dos termômetros que pendiam dos braços magros e nervosos; do microfone pendurado no pescoço do falso locutor de jôgo de futebol, sendo de esperar que os agentes de publicidade não tenham esquecido a marca da espuma de borracha enrolada ao microfone.

Gorda era cidadão latino-americano. Afirmam os despachos de Washington que se tratava de um macaco de um quilo, «muito inteligente e capaz de experimentar emoções semelhantes às do homem». É possível que fosse inteligente, assim como também é possível que se trate de um macaco das selvas da Amazônia, tão visitadas pelos nossos bondosos visinhos que vivem ao norte do Rio Grande, de olho no resto do mundo. Mas está na cara que o macaco Gorda, era muito jovem e pouco experiente, pois macaco velho não mete a mão em combuca nem quer saber de negócio com americano.

As experiências científicas resultantes dessa aventura, da qual o pobre Gorda foi a vítima irresponsável, devem estar sendo aproveitadas nos gabinetes. Outras experiências, da mesma viagem, podem ser levadas em conta desde já, pelos leigos, pelas pessoas simples do povo. A alegria de Gorda e de seus não menos inteligentes expedidores durou pouco mais de 13 minutos, e a presença do número 13 deve ter amolado muito as pessoas supersticiosas dessa Cabo Canaveral, onde parece existir cabeça de burro, enterrada por algum negro macumbeiro, não totalmente satisfeito com o funcionamento da democracia dos yanques e portanto despeitado. Pouco mais de 13 minutos depois do lançamento, a ogiva levada pelo foguete caiu sobre o imenso Atlântico, em local não previsto. Navios de guerra e aviões rapidíssimos iniciaram rigorosa busca, pondo em ação aquela eficiência de homens e máquinas que estamos habituados a admirar (principalmente quando o ar refrigerado funciona bem) nas telas panorâmicas, em filmes coloridos cujos preços de ingresso a COFAP está caprichando para aumentar.

Muita experiência psicológica pode ser extraída dessa tragédia de fim de semana dos States. Ainda há dias, por exemplo, o inteligente dr. Juscelino Kubitschek, tão amigo também das viagens aéreas, deu alguns passos de valsa em marcha a ré, para afirmar que em seu governo jamais seriam restabelecidas as relações com a União Soviética. Isto quando as condições econômicas e financeiras nos aconselham justamente a estabelecer, sem maiores perdas de tempo, essas mesmas relações, hoje combatidas somente por pessoas menos sagazes que os macacos velhos, pessoas que ainda mistem a mão em combuca e que ocorrem aos microfones das emissoras de rádio, como D. Jaime Câmara, para cantar a Ária da Calúnia, interpretando o papel do cura D. Basílio em vestes purpúreas.

Vamos, senhores clérigos e leigos! Aproveitemos o exemplo de Gorda.

Uma nova e vasta articulação golpista está sendo tramada nos bastidores. Figuras de proa dos setores políticos mais antidemocráticos, que se identificam em sua grande maioria com a cúpula udenista, participam desses entendimentos e os dirigem. Entre essas líderes da política do golpe destacam-se, segundo podemos informar, homens como os srs. Juraci Magalhães, Herbert Levi, Jílio de Mesquita Filho, diretor do «Estado de São Paulo», e o próprio brigadeiro Eduardo Gomes, antigo presidente da UDN e «reserva moral» a cujos serviços costumam os golpistas recorrer sempre que sentem ser necessário elevar o gabarito de suas manobras contra a legalidade constitucional.

COMPLÔ CONTRA LOTT

Segundo tudo indica, não se trata desta vez, de articulação golpista ou de pequenas escaramuças ou lançadas provocações isoladas. Isso tem sido feito já há quatro anos — desde o 11 de novembro de 1954 — mas a experiência mostra que todas essas tentativas foram frustradas. As forças nacionalistas e democráticas, de dentro e de fora do governo, assim como a opinião pública de todo o país repeliram essas provocações, condenando os seus autores ao fracasso.

O que se propõe agora os círculos golpistas é uma manobra de maior envergadura, obedecendo a planos que estão sendo metulosamente elaborados e tendo em vista uma tática de diferentes aspectos, ligados entre si. Trata-se, na realidade, de um verdadeiro complô, cujo alvo principal, como é óbvio, é o general Teixeira Lott, ministro da Guerra.

Preferem os inimigos da legalidade desfechar uma campanha sem precedentes pela sua violência contra o general Lott, com o propósito de alcançá-lo, desta feita, o que não foi conseguido até agora: o afastamento do atual ministro da Guerra, com todas as consequências inevitáveis que resultariam de semelhante fato. Podemos mesmo adiantar que, segundo os mentores da política do golpe, seria talvez suficiente um prazo de três meses para que, realizando-se o plano em elaboração, esse objetivo fosse afinal atingido.

Os elementos golpistas e pró-imperialistas estão convencidos de que não alcançarão sucesso em suas empreitadas contra os interesses nacionais e do povo enquanto se mantiver no selo do governo um setor nacionalista com a força e o prestígio que decorrem da presença, na chefia do Exército, de um pa-

trio que não se deixa envolver nem intimidar pelas ameaças. É necessário, portanto, de qualquer modo, afastar o general Lott. Isso não seria difícil desalojar do governo os demais elementos nacionalistas e, assim, remover os obstáculos que no selo da própria administração se erguem contra as investidas do imperialismo e os entreguistas.

Uma ofensiva total, um autêntico complô contra Lott — eis, enfim, o que está sendo tramado nos bastidores escusos do golpismo.

ONDE APARECE EDUARDO GOMES

O antigo presidente da UDN, candidato duas vezes derrotado ao Catete, Eduardo Gomes, deverá descer da «torre de marfim» em que se refugia para participar de maneira aberta do plano diabólico de provocações ora em gestação. A presença de Eduardo Gomes começaria a se fazer sentir publicamente através de uma entrevista, talvez encerrando a série de declarações que vêm sendo feitas por vários brigadeiros ao «Diário de Notícias», determinando já a prisão de muitos deles. A en-

aparentemente se refugia para

participar de maneira aberta do plano diabólico de provocações ora em gestação. A presença de Eduardo Gomes começaria a se fazer sentir publicamente através de uma entrevista, talvez encerrando a série de declarações que vêm sendo feitas por vários brigadeiros ao «Diário de Notícias», determinando já a prisão de muitos deles. A en-

MAX GARCIA — UMA VIDA A SERVIÇO DA VENEZUELA

O povo, a classe operária e o Partido Comunista da Venezuela acabam de perder um dos seus filhos mais queridos: o dirigente comunista Max Garcia.

Sua vida, que se estendeu, tragicamente, com pouco mais de 40 anos, é a vida e a história do proletariado venezuelano e do seu partido de vanguarda, em sua luta permanente pela unidade da classe, pela aproximação e o acerto entre as forças de liberdade e progresso social, pelos interesses dos trabalhadores e pelo interesse nacional. A trajetória de Max Garcia mostra isso com muita clareza: operário dos poços de petróleo e fundador do Partido Comunista; membro do Comitê Central do Partido e condutor de massas, organizador da primeira Central dos Trabalhadores do Petróleo em seu país; dirigente das grandes jornadas reivindicativas das greves de 1936, 1944 e 1950; preso e torturado pelas ditaduras de Gomez, Lopez Contreras e Perez Jimenez; detido político — e, depois, organizador clandestino das lutas populares, econômicas e políticas, membro da Junta Patriótica nas jornadas de Janeiro último, contra Perez Jimenez, reestruturador do Partido Comunista nas regiões do petróleo, representante do povo no Parlamento.

É este o conteúdo feroz, profundamente revolucionário e humano, da vida de Max Garcia. Uma vida firme e lealmente entregue à sua classe e a seu Partido — e, por isso mesmo, inevitavelmente consagrada a seu povo, às suas lutas pela emancipação nacional e social, pela cultura, liberdade e bem-estar, a caminho do socialismo.

O desaparecimento de Max Garcia não é apenas uma grande perda para os comunistas, a classe operária e todos os patriotas venezuelanos — como o definiu Jesus Faría, em sua mensagem de despedida. É também, uma grande perda para os patriotas e democratas dos demais países latino-americanos, para quem a vida desse lutador exemplar, fica sendo um símbolo de firmeza e dedicação à sua classe, a seu povo e à sua Pátria, um símbolo de luta pelo progresso social e pela liberdade.

Complô em Marcha CONTRA LOTT

- ★ Trama-se nos bastidores do golpismo nova ofensiva visando o afastamento do general Lott
- ★ Onde aparece o brigadeiro Eduardo Gomes
- ★ Explorar as vacilações do governo para criar o clima que facilite as manobras extrajudiciais
- ★ Mas os golpistas ignoram o povo

revista de Eduardo Gomes e sua consequente prisão seriam o sinal para que se levantasse no país uma onda de agitação sem precedentes, extravasando os setores militares e sendo utilizada como um fator capaz de impressionar e arrastar a aventura uma parte da opinião pública.

A participação pessoal do antigo presidente dos lençóis brancos nos concilíbulos ora em desenvolvimento constitui um passo para uma próxima atuação aberta, na fase de execução das manobras golpistas.

DESGASTAR LOTT POLITICAMENTE

A entrevista de Eduardo Gomes, como a de outros brigadeiros, além de outras iniciativas de caráter provocatório, visa entre outras coisas lançar desafios cada vez mais difíceis ao general Lott e à ala nacionalista do governo criando uma situação em face da qual o ministro da Guerra se veria levado a lan-

CRESCE O PARTIDO COMUNISTA DA VENEZUELA

Prolongou-se até outubro último uma campanha de recrutamento de novos membros para o Partido Comunista da Venezuela. A campanha teve pleno êxito. Atuando pela primeira vez na legalidade, depois de um longo período de ditadura, o PC venezuelano, sobretudo no curso dos preparativos para a campanha eleitoral, teve oportunidade de entrar em contacto com grandes massas operárias e populares. Levando à prática um plano de recrutamento elaborado pelo Comitê Central, o Partido Comunista da Venezuela viu seus efetivos crescerem em proporções consideráveis. Em San Juan, houve um aumento de 570% no número de membros do Partido. Em Sucre, 480 por cento. Em San José, 420 por cento. O Comitê Regional do Distrito Federal (Caracas) ultrapassou em 300% a cota de novos militantes que se propunha recrutar. Esse Comitê resolveu em seguida realizar a «Semana de Organização», a fim de entrosar os novos militantes na atividade partidária. Dirigentes do Comitê Nacional e do CR visitaram células para explicar aos novos militantes do partido em que consistem os métodos de organização e a importância de sua aplicação para o trabalho partidário e entre as massas. Esclareceram também sobre as funções das células e a estrutura orgânica do partido, desde os organismos de base até o Congresso, autoridade máxima do Partido.

gar mão de medidas violentas. Isso daria aos golpistas novos argumentos para a sua campanha anti-Lott, que passaria a ser feita em nome de uma suposta defesa da democracia contra a ameaça de leis de exceção, etc.

EXPLORAR OS PONTOS DEBEIS DO GOVERNO

Simultaneamente com os ataques concentrados sobre o general Lott, o plano de provocações prevê a exploração, em tons da maior agressiv-

idade, dos pontos fracos do governo JK. A «luta contra a corrupção» deve ser redobrada. A utilização das dificuldades econômicas em que se encontra o país, fruto principalmente das vacilações em que insiste o governo, seria utilizada mais intensamente, com vistas a criar um clima cada vez mais propício às louças extra-legais.

Contam os golpistas, nesse sentido, com a política vacilante do governo — política cujas brechas servem aos inimigos da independência na-

cional em sua obra de enfundar, cada vez mais, a moralização do governo. Como dissemos de início, os golpistas, por outro lado, não querem se limitar a escaramuças isoladas, que podem ser facilmente abafadas sem maior repercussão. Trata-se de fato de uma ofensiva total em que serão lançados todos os recursos disponíveis e que poderá assumir formas mais violentas. O plano agora articulado não afasta mesmo a possibilidade de se repetirem no país movimen-

to que os golpistas incluem em seus planos.

NOVA JACAREACANGA

Como dissemos de início, os golpistas, por outro lado, não querem se limitar a escaramuças isoladas, que podem ser facilmente abafadas sem maior repercussão. Trata-se de fato de uma ofensiva total em que serão lançados todos os recursos disponíveis e que poderá assumir formas mais violentas. O plano agora articulado não afasta mesmo a possibilidade de se repetirem no país movimen-

tos subversivos como a criminoso sublevação de Jacareacanga.

UM FATOR POSTO DE LADO: O POVO

A manobra urdida pela cúpula udenista não leva em conta, contudo, um fator decisivo: o povo, as forças nacionalistas e democráticas.

O povo brasileiro está consciente de que não pode ser este o caminho a seguir para a solução dos problemas em que se debate o país e que criam para as massas as dificuldades que aí estão. Alargado e dirigido pelas forças populares, as vacilações e as louças lançadas por JK em relação aos recursos disponíveis e que poderá assumir formas mais violentas. O plano agora articulado não afasta mesmo a possibilidade de se repetirem no país movimen-

Lott, resistem às investidas dos imperialistas e seus agentes no Brasil.



JURACI MAGALHAES

Estudo econômico do Itamarati conclui:

RELAÇÕES COM A U. R. S. S. TRARÃO PROGRESSO PARA O BRASIL

Muito limitadas as futuras possibilidades dos mercados dos Estados Unidos e da Europa Ocidental — O mercado da URSS deverá crescer em proporções gigantescas — Porque o equipamento soviético é mais vantajoso para o Brasil do que o norte-americano — Um estudo objetivo e patriótico

Os argumentos daqueles que se opõem ao reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética se reduzem hoje aos preconceitos obscurantistas do cardeal D. Jaime Câmara ou às considerações grosseiramente policiais do coronel Danilo Nunes. No plano político e econômico, nenhuma objeção séria se apresenta contra o reatamento. Todos os argumentos, que realmente pesam, são favoráveis.

Neste sentido, não podia deixar de causar profunda impressão na opinião pública, o estudo econômico elaborado pelos especialistas do Itamarati e que serviu de base para as propostas da delegação brasileira ao Comitê dos 21, até há pouco reunido em Washington. Os especialistas do Itamarati examinaram a questão de modo objetivo, preocupados com os fatos e não com os preconceitos, visando formular as perspectivas do desenvolvimento econômico do nosso país no quadro mundial. Não admira, por isso, que o sr. João Neves atrevesse contra eles um dos seus «editoriais-fúnebres» de «O Globo». Tudo o que é patriótico costuma ser alvo de injúrias e insultos do ex-chanceler.

AUMENTARÁ A NECESSIDADE DE IMPORTAR

Parte do estudo do Itamarati da tese de que a economia nacional, para se desenvolver de acordo com os interesses do povo brasileiro, deve contar com uma taxa de acumulação anual não inferior a 14,4% (relação entre o investimento bruto e o produto nacional bruto). Esta taxa é inferior à que, aquela que se verificou entre 1948 e 1956 e que foi de

mente num nível inferior a 14 bilhões. O esforço para incrementar as exportações é, pois, indispensável para suprir as crescentes necessidades de importar. Aqui vale observar que o estudo do Itamarati parte do pressuposto de um resultado neutro no movimento de entrada e saída de capitais, o que, a longo prazo, é inteiramente utópico, enquanto o nosso país estiver submetido ao imperialismo norte-americano.

O MERCADO NORTE-AMERICANO

Considerando a perspectiva de aumento das exportações, o estudo do Itamarati estudou as possibilidades dos diferentes mercados.

Sobre o mercado norte-americano conclui o seguinte: «...continuará a ser, por muitos anos, o maior mercado para produtos latino-americanos e brasileiros. Entre

tanto, embora esse mercado seja substancial em números absolutos, a verdade é que não tende a crescer em velocidade compatível com o crescimento das necessidades latino-americanas, sobretudo se incluímos o Brasil nesse grupo».

O MERCADO EUROPEU OCIDENTAL

As possibilidades que oferece o mercado da Europa Ocidental são muito mais baixas, segundo prevê o Itamarati. Isto em virtude do processo de integração dos países do Mercado Comum Europeu com as colônias africanas, bem como do Reino Unido com a Comunidade Britânica. Sendo os produtos africanos concorrentes dos latino-americanos, a tendência será para preferir os primeiros — isentos de tarifas — e importar cada vez mais os últimos, onerados pelas altas tarifas estabelecidas nos Tratados de

ROMA, QUE CRIARAM O MERCADO COMUM EUROPEU.

Nestas condições, o estudo do Itamarati considera que o aumento das importações latino-americanas, pela Europa Ocidental será tão pequeno «que perde definitivamente toda e qualquer significação prática».

O MERCADO SOVIÉTICO

Diante desta situação, o estudo do Itamarati conclui que a busca de novos mercados é indispensável. E, entre estes, novos mercados, o que tem importância decisiva é o mercado da União Soviética e dos demais países socialistas.

As possibilidades deste mercado são imensas. Conforme já divulgamos em edição anterior, os economistas do Itamarati mostram, à base dos dados, que a economia soviética já em 1972 superará a dos Estados Unidos em volume de produção. Entre 1975 e 1977, o produto bruto soviético será superior ao dos Estados Unidos e dos países do Mercado Comum Europeu somados. Pode-se imaginar a tremenda capacidade de compra de que disporá o povo soviético.

A URSS AUMENTA A IMPORTAÇÃO DE BENS CONSUMO

Examinando os prós e os contras, o estudo do Itamarati assinala a tendência para o constante aumento do produto soviético. O governo soviético fixou o objetivo de desenvolver brevemente os padrões de vida da população dos Estados Unidos. Isto não pode deixar de conduzir — como já está acontecendo — à necessidade de aumentar as importações de artigos de consumo, uma vez que o esforço soviético continua a se concentrar fortemente na indústria pesada.

Assim, pois, o mercado soviético oferece amplas perspectivas para países exporta-

BASTIDORES DA POLÍTICA

MARIA DA GRAÇA

Está o Congresso em prorrogação de sessão legislativa, pedida pelo Chefe do Executivo em Mensagem fixando o dia de início, 16, e sem data marcada para término. Dessa forma ficam os parlamentares na seguinte alter-

nativa: dar ao Executivo, juntamente com o Abono para o funcionalismo, as novas leis de imposto de consumo e de selo até 27 deste mês, ou não dar e perderem todos a ajuda de custas a que fazem jus pela convocação ex-

traordinária, de 6 a 31 de janeiro. Para o líder da maioria não se apresenta fácil a tarefa de manter no Rio seis comandados, quase todos de mãos prontas para irem passar as Festas em seus Estados.

☆☆☆

Enquanto que, sob as vistas do eleitorado e fiscalização do povo, líderes de partidos e parlamentares preocupam-se em acertar fórmulas capazes de dar ao sr. Lucas Lopes os aumentos de impostos que reclama e ao funcionalismo a magra compensação do abono de 30% em troca do Plano de Reclassificação, nos bastidores a sucessão presidencial é na realidade o problema central e mais almejado. Com mais de um ano de antecedência já existem candidatos lançados, e até mesmo inflação de votos. São candidatos os srs. Juraci Magalhães, Jânio Quadros, general Lott e há vários outros que murmuram os nomes do pretérito marechal Eurico Gaspar Dutra e do atual governador de Minas Gerais, o sr. Leoni Brizola, com sua autoridade de governador do Rio Grande do Sul e um dos chefes do trabalhismo brasileiro, em entrevista que concedeu aos jornalistas credenciados no Palácio Tiradentes, entre vários conceitos verdadeiros e observações justas quanto à viabilidade de candidatura unicamente de raízes populares, avançou a fórmula de aliança que chamou «das mãos calçadas», isto é, dos trabalhadores urbanos e dos assalariados agrícolas e pequenos lavradores. Deixou implicitamente apresentada a candidatura do sr. João Goulart. A ala realista

da UDN não esconde a sua filiação à candidatura Juraci Magalhães e nem o seu desejo de levar para ela o apelo pebequista; a corrente mais radicalizada em posições reacionárias, chefiada pelo líder C. Lacerda, reservando-se quanto a nomes, vai trabalhando nos bastidores no sentido de uma aproximação com o sr. Jânio Quadros, em torno de cujo nome poderiam aglutinar o PTN, uma parte do PSB e, quem sabe, até mesmo o PSD. Há quem diga que o Presidente da República, influenciado por governadores recentemente eleitos, alimenta grandes simpatias pelo nome do governador de São Paulo e já agora deputado trabalhista pelo Paraná. Neste momento, com uma Câmara prestes a se renovar em mais de 50% de sua representação partidária e um Senado a receber 1/3 de novos representantes estaduais, com um Congresso, portanto, que se apresenta como uma incógnita, com o povo ainda alheio ao problema sucessório visto em termos de nomes, e o panorama político de Estados importantes como Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Pernambuco, Ceará e mesmo São Paulo, ainda em nebulosa, as combinações de cúpula que se ensaiam nos bastidores em torno de candidatos não parecem ter outra significação senão a de devaneios de fazedores de presidentes.

☆☆☆

Justamente porque o papel que o povo representa nos pleitos, de forma cada vez mais consciente e acentuada nestes últimos 15 anos, é esquecido ou mal compreendido pela maioria dos chefes e líderes dos grandes partidos, é que pôde surgir a fórmula antidemocrática e impopular do mandato-tampão, segundo a qual, sob a forma da eleição em cédula única ou por votação indireta, a nação terá um Presidente da República para os dois anos de interregno entre o término do mandato de JK e as novas eleições gerais de 1962. O deputado Esmerino Arruda (PSD do Ceará) é o dono da fórmula, que já tem transformada em projeto, ao qual acaba de juntar uma emenda tornando possível a eleição do próprio atual Presidente da República. O projeto, encarrado a princípio como terceiro sucedâneo da malsinada emenda prorrogaçãoista do deputado Antônio Horácio, desar-

quivada mais tarde pelo mesmo Esmerino Arruda sob o rótulo de «coincidência de mandatos», e por isso mesmo recebido com reservas e suspeição geral, começa a abrir o seu caminho pela permeável consciência «realista» de não poucos próceres partidários. Justamente preocupados com as dificuldades que se apresentam para a elaboração de esquemas sucessórios à base dos nomes dos candidatos em potencial. Grupos dentro do PSD, da UDN e mesmo do PTB deixam no ar a seguinte interrogação — não poderá o mandato-tampão vir a ser a solução que consistiria em dar tempo ao tempo e ver depois que candidatos teriam vencido a prova do desgaste desses dois anos de espera? — Há poucos dias, em conversa no recinto da Câmara com alguns jornalistas e o ex-líder Capanema, técnico em projetos de reforma constitucional, embora desmentido os boatos de que também tinha preparado o seu

projeto de mandato-tampão, encomendado, aliás, segundo constava, pelo governador Bias Fortes, terminava por declarar achar-se capacitado para a qualquer momento apresentar um, com melhores possibilidades de aceitação que o do sr. Esmerino Arruda. Para essa mesma noite falava-se num encontro entre os srs. Bias Fortes e Ademir de Barros, este último já ganhado para a fórmula descoberta pelo seu correligionário cearense. Sabese também, que a ala móda do PSD em seus encontros quase diários no restaurante da «Maison de France», ao lado de seu tema favorito sobre a necessidade de nova formulação da política externa brasileira, tem examinado, com atenção e com novo espírito a ideia do mandato-tampão, que o deputado Emílio Carlos, líder do PTN, há dias estigmatizava como golpe baixo contra a candidatura Jânio Quadros, já encampada pelo seu partido.

dores de gêneros alimentícios e manufaturas leves, como o Brasil.

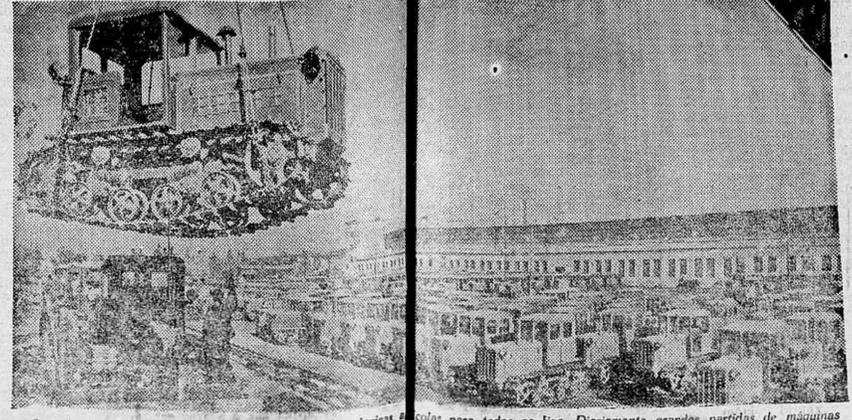
AS VANTAGENS DO EQUIPAMENTO SOVIÉTICO

Esta, a questão do comércio com a URSS do ponto de vista da exportação brasileira. Do ponto-de-vista da importação, as vantagens não são menores.

A este respeito, afirma o estudo do Itamarati: «Se quantitativamente a União Soviética será a maior unidade econômica, qualitativamente apresentará aspectos extremamente interessantes para países em desenvolvimento econômico. Esses aspectos são o resultado do desenvolvimento relativamente mais intensivo (do que em países capitalistas) de suas indústrias de bens de capital e sua experiência mais recente e de certa forma mais relevante para países subdesenvolvidos, de formas de industrialização mais flexíveis, através da utilização de maiores variações de densidades relativas de fatores de produção. Dessa maneira, o equipamento produzido na União Soviética é menos ri-

capaz de curar todos os males brasileiros. O fundamental está na utilização independente dos nossos recursos internos. Mas é indiscutível que a ajuda soviética pode acelerar em alto grau o desenvolvimento da economia nacional e contribuir para a prosperidade do povo brasileiro.

Para a prosperidade do nosso povo é que não trabalhamos D. Jaime, e cel. Danilo e o diminuto João Neves...



A indústria soviética produz numerosos tipos de máquinas e equipamentos para todos os fins. Diariamente grandes partidas de máquinas são enviadas para os campos e para o estrangeiro. Na foto grande

HOMENS E PARTIDOS «DE ESQUERDA» FIZERAM UMA POLÍTICA DE DIREITA

- ★ OS REFLEXOS NA ITÁLIA DOS ACONTECIMENTOS NA FRANÇA
- ★ OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO FORAM ABERTOS
- ★ AS FÓRCAS REACIONÁRIAS EM OFENSIVA NA ITÁLIA
- ★ QUE O P.S.I. RETOME A GRANDE TRADIÇÃO DA UNIDADE

Palmiro Togliatti, em seu recente informe apresentado ao Comitê Central do Partido Comunista Italiano, examinou a chegada de De Gaulle ao poder e a simultânea ofensiva das forças reacionárias na Itália. Ao mesmo tempo pregou o refôrgo do regime democrático, a luta pela paz e por profundas reformas econômicas em seu país. Essa luta, acrescentou Togliatti, só será possível com a unidade da classe operária, vale dizer, no caso italiano, mediante a colaboração, em torno de pontos programáticos fundamentais, dos partidos comunistas e socialistas, com ajuda das outras forças democráticas da Itália.

A FRANÇA
No trecho do informe alusivo à situação da França, Togliatti observou que os comunistas franceses fizeram uma análise clarividente da situação, constatando que em seu país, por um longo período de tempo, homens e partidos que se diziam de esquerda fizeram uma política de direita.

Assim, elementos social-democráticos e burgueses abriram o caminho aos inimigos da democracia. Houve, também, no que se refere ao Partido Comunista debilidade e deficiência, disse Togliatti, fazendo ao mesmo tempo votos no sentido de que os comunistas e todo o povo francês obtenham êxito na luta que estão agora travando em defesa dos últimos restos de li-

berdade política e pela restauração do regime democrático.

Para ajudar eficazmente os democratas franceses, o povo italiano precisa não se limitar às manifestações de solidariedade. É necessário que o povo italiano, os comunistas em primeiro lugar, dê conta de suas tarefas, repelindo os ataques à liberdade, que estão sendo tramados no país, a exemplo do que ocorre na França.

O EXEMPLO
A V República francesa pode constituir quase um paradigma para as classes burguesas da Europa ocidental. Na constituição da V República, os grandes princípios democráticos são reafirmados, mas os campos de concentração foram abertos, es-

tando ameaçado o Partido Comunista em sua existência legal. Os direitos sindicais e sociais desapareceram do texto constitucional. De parlamento resta apenas uma sombra, que longe de refletir como um espelho as forças do país, reflete os resultados de uma vergonhosa manobra. Todo o poder é concentrado na autoridade pessoal, através da qual se alinham a grande burguesia, os grandes bancos, as forças armadas e o colonialismo, que nesse ambiente se julga plenamente seguro.

A situação francesa está demonstrando que, enquanto o poder permanece nas mãos da grande burguesia, nenhuma ordem democrática pode considerar-se segura, caso não seja defendido pela força de um grande movimento operário e popular de massa, com o fito de destruir os privilégios da grande burguesia. A situação francesa, acrescenta Togliatti, revela nova e clamorosa derrota do revisionismo, segundo o qual no presente momento histórico a democracia política se transformaria em alguma coisa semelhante ao capitalismo. Sabemos, em lugar disso, que passados os primeiros anos logo após a guerra, não

houve no mundo capitalista nenhum verdadeiro progresso democrático, não houve nenhuma expressão efetiva da democracia.

COMO AVANÇAR?

Um avanço das forças populares nos países de regime capitalista só se pode efetivar, disse Togliatti, através de uma ação ampla e múltipla, de conteúdo econômico e político, que se amolde à condição de cada país.

Togliatti censura aqueles que se deixam adormecer tranquilamente porque o mundo socialista continua- (CONCLUI NA PÁG. 11)

DICIONÁRIO

MISSÃO HISTÓRICA DO PROLETARIADO

Marx e Engels, os fundadores do comunismo científico, descobriram e formularam o papel histórico do proletariado: a eliminação da exploração capitalista, e de toda forma de exploração do homem pelo homem, e a edificação de uma sociedade sem classes, a sociedade comunista. Essa missão só pode ser cumprida pelo proletariado, por ser a classe mais revolucionária e consequente da sociedade.

O caráter do proletariado, como classe consequentemente revolucionária, decorre do lugar que ocupa dentro do sistema capitalista de produção. Ao contrário do campesinato, ligado à forma mais atrasada de economia, o proletariado cresce continuamente com o desenvolvimento do regime capitalista. Ele está vinculado à grande produção industrial, cresce em quantidade e avança sempre a sua consciência e a sua organização, sendo o portador de regime mais progressista, o socialismo. O proletariado não tem propriedade alguma sobre os meios de produção. Como diz o MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA, os proletários nada têm a perder na revolução, salvo as suas cadeias; têm, em troca, um mundo a ganhar.

O proletariado só pode libertar-se da exploração a que se acha submetido na sociedade capitalista abolindo a propriedade privada sobre os meios de produção. Isso significa que, ao se libertar o proletariado suprime toda forma de exploração do homem pelo homem, conduz a humanidade a um novo estágio — o da propriedade de todo o povo sobre os meios de produção. Desse modo, libertando-se a si mesmo como classe explorada, o proletariado liberta todos os trabalhadores, todos os explorados, de todo o mundo. Nisso, o proletariado se distingue radicalmente de todas as classes revolucionárias do passado, que se libertavam a si mesmas, mas mantinham a exploração, dando-lhes apenas outra forma. A classe operária, ao contrário, só pode libertar-se liquidando todas as formas de exploração. Daí decorre que os interesses vitais do movimento operário coincidem perfeitamente com os interesses vitais de todos os trabalhadores. E isso indica, de um lado, o papel dirigente do proletariado e, de outro lado, a possibilidade e a necessidade de o proletariado em sua luta, marchar em aliança com outras classes e camadas da sociedade.

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

O PC da Espanha denuncia uma infâmia de Prieto

O Birô Político do Comitê Central do Partido Comunista da Espanha publicou a 3 do corrente uma importante declaração da qual damos a seguir os principais trechos:

“O Birô Político do Partido Comunista da Espanha vê-se constrangido a denunciar perante a opinião pública nacional e internacional a campanha de calúnias e a declaração feita por Indalécio Prieto e certos elementos socialistas contra nosso Partido e seu Comitê Central. Esta campanha, ao mesmo tempo monstruosa e grotesca, tenta fazer crer na existência, entre o nosso Partido e a ditadura de Franco, de um pacto em virtude do qual, em troca de créditos imaginários e de concessões comerciais de países do campo socialista, o franquismo concederia aos comunistas liberdade de movimento para sua atividade política na Espanha. A fim de dar a aparência de verossimilitude e esta tolice, seus autores inventaram rocambolescas entrevistas entre o Ministro do Interior de Franco e nosso camaradas Santiago Carrillo, contra quem vomitam as piores infâmias.

“Esta campanha se desenvolve num momento em que é condenado em Madri a 20 anos de prisão, o dirigente comunista de Saragosa, António Rossel, e o dirigente comunista de Bicaia, Leônicio Peña, e a diversas penas 23 militantes aragoneses e bascos de nosso Partido, enquanto o tribunal militar de Barcelona, há alguns meses, condenava a penas diversas Emiliano Fabregas e outros comunistas; enquanto em Barcelona ainda Miguel Nufies e outros dirigentes e militantes comunistas, organizadores das greves de março último, aguardavam julgamento...” (o documento cita outros fatos semelhantes em diversas províncias de Espanha). E acrescenta:

“O Birô Político do Partido Comunista Espanhol desmente de maneira categórica as sandices proferidas por Indalécio Prieto sobre pactos imaginários de seus dirigentes com o ditador Franco, e reitera ao mesmo tempo sua decisão de chegar a um acórdão de todas as forças de oposição para acelerar a queda da ditadura que oprime o povo espanhol e que persegue sobretudo aos comunistas”.

A declaração do PC espanhol diz ainda que Prieto, em artigo publicado a 27 de novembro último e em outros artigos anteriores, chamava a atenção das autoridades policiais franquistas para o fato de estarem regressando

à Espanha emigrados políticos que residiam na França, México e União Soviética, apresentando-os como “militantes ativos do Partido Comunista que regressavam a seu país com uma missão política”. O Birô Político do PCE afirma ser isto inteiramente falso e responsabiliza tanto as autoridades franquistas como a Indalécio Prieto pelas possíveis perseguições que venham a ser movidas pelos franquistas contra os cidadãos espanhóis que voltam à sua Pátria. Conclui: “O Birô Político do Partido Comunista Espanhol não pode deixar passar em silêncio a infame campanha desencadeada contra ele por Indalécio Prieto e alguns elementos do partido socialista. E renova seu apelo para que se ponham de lado as divergências e os ataques recíprocos e se concentrem esforços para a luta contra a ditadura de Franco, reclamando a liberdade de todos os antifranquistas e republicanos presos e anistia para dezenas de milhares de exilados políticos.

Saudação do PC colombiano
O Comitê Central do Partido Comunista da China, enviou uma mensagem de saudação ao Comitê Central do PC da Colômbia, pelo seu oitavo congresso, instalado a 7 de dezembro. A mensagem diz entre outras coisas: “Saudamos vosso Congresso e lhe desejamos pleno êxito. Almejamos maiores sucessos ainda em vossa luta pela salvaguarda da soberania nacional da Colômbia, assim como da democracia, liberdade e nível de vida do povo colombiano; em vossa luta pelo fortalecimento da unidade da classe operária e de todas as demais forças democráticas do povo colombiano; na luta pelo reforçamento da unidade e da colaboração dos povos de todos os países da América Latina contra a agressão e a opressão imperialista dos Estados Unidos e em defesa da paz mundial. Que vosso partido cresça e se reforce dia a dia.”

Reforçamento do PC Francês
O Birô Político do Partido Comunista Francês lançou a 8 do corrente um apelo dando início a uma campanha de recrutamento de novos membros para o Partido. No segundo turno das recentes eleições parlamentares — diz o apelo — o Partido Comunis-

Mensagem de Prestes ao XI Congresso do P. C. do Chile

Por motivo da realização do XI Congresso do Partido Comunista do Chile, Luis Carlos Prestes enviou a seguinte mensagem ao Comitê Central do P.C.C.:

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1958.
Ao Comitê Central do Partido Comunista do Chile.

Queridos camaradas.
Ao ensejo da realização do vosso XI Congresso, enviamos aos bravos combatentes de vanguarda da classe operária chilena e, através deles, à classe operária e ao povo irmão do Chile nossas saudações calorosas e fraternais.

Nós, comunistas brasileiros, acompanhamos com grande interesse a luta do povo chileno pelo desenvolvimento independente de seu país, pelas liberdades democráticas e pela coexistência pacífica entre as nações. Saudamos vossa luta pela construção do Partido marxista-leninista do proletariado chileno, pela unidade da classe operária em vosso país e pela sua união com as demais forças interessadas na independência nacional e no progresso, no bem-estar do povo, no florescimento da democracia e na paz. Congratulamo-nos convosco pela conquista da plena legalidade de vosso Partido, expressão da influência crescente do movimento comunista no Chile e da força da classe operária em vosso país.

Os comunistas brasileiros atribuem particular importância aos laços de amizade que unem nossos povos e envidam todos os esforços para que se tornem, eles cada vez mais, estreitos e vigorosos. É indispensável que se estabeleça entre nós uma fecunda cooperação fraternal à base do princípio do internacionalismo proletário, da solidariedade internacional dos trabalhadores, fundamento inabalável do movimento comunista mundial. Com todos os povos

irmãos da América Latina, façamos uma só frente e um só combate contra nosso inimigo comum — os monopólios norte-americanos e seus agentes internos em nossos países — instrumentos de atraso e de reação social em nossas pátrias.

Nesta oportunidade, queremos ainda dizer-vos que nós, comunistas brasileiros, prosseguimos a luta pela elevação do nível ideológico da vanguarda da classe operária em nosso país, por sua organização, pela unidade da classe operária e demais forças patrióticas e democráticas. Lutamos pela modificação da correlação de forças políticas em nosso país capaz de assegurar uma política externa independente e uma política interna democrática e progressista, objetivando alcançar a completa emancipação nacional, uma reforma agrária radical e um governo democrático de libertação nacional. Sabemos que nessa luta não estamos sós, que nela contamos com a solidariedade de todos os povos e com o apoio decidido, generoso e desinteressado da grande e gloriosa União Soviética.

Desejamos ao vosso XI Congresso os maiores êxitos e estamos certos de que o Partido Comunista do Chile, unido em torno dos princípios do marxismo-leninismo, cumprirá seu honroso papel histórico à frente dos trabalhadores e do povo chileno.

Viva o glorioso Partido Comunista do Chile!
Viva a solidariedade internacional da classe operária — garantia de novas e grandiosas vitórias!
Viva o marxismo-leninismo — bandeira triunfante dos trabalhadores de todos os países!
Viva a unidade dos povos da América Latina na luta por sua libertação e pela paz!
(as.) Luis Carlos Prestes

AS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO EM SÃO PAULO

O pleito de 3 de outubro, do qual o povo participou ativamente, foi dos acontecimentos mais importantes dos últimos meses.

Os comunistas dele participaram, encarando as eleições sob a nova orientação contida na «Declaração Sobre a Nova Política dos Comunistas» que indica as eleições como um dos caminhos mais prováveis para a conquista de um governo nacionalista e democrático, capaz de libertar o Brasil do domínio do imperialismo norte-americano, tarefa esta que só pode ser executada pela mais ampla frente única das forças nacionalistas e democráticas. Por isto o objetivo dos comunistas foi unir essas forças, eleger nacionalistas e democratas para os postos legislativos e executivos, iso-

Nossa participação nas coligações permitiu contribuir para sua unidade e trabalhar amplamente, e que Prestes e outros comunistas dirigissem a palavra a centenas de milhares de pessoas, transmitindo o pensamento dos comunistas sobre as eleições e os problemas que afligem nosso povo, aprofundando as idéias nacionalistas e democráticas e aproximando as forças de frente única. Estes fatos comprovam a justiça da política seguida pelos comunistas.

Nós, os comunistas, em São Paulo, partindo da necessidade de fortalecer a união das forças nacionalistas e democráticas nacionalmente, marchamos com a coligação eleitoral (PSP-PTB-PRT e comunistas), das forças que apoiavam as candidaturas dos senhores Ademar de Barros, Porfírio da Paz e Frota Moreira. Deu ela um milhão cento e cinco mil votos a Ademar de Barros, elegeu Porfírio da Paz e obteve para Frota Moreira a expressiva votação de 800 mil votos. Contribuiu para eleger uma grande bancada nacionalista e democrática para a Assembléia Legislativa de São Paulo e para a Câmara Federal.

Trabalhamos em conjunto com as forças coligadas na cúpula, nos municípios e nos bairros, estabelecendo um clima de maior compreensão e de confiança mútua entre seus dirigentes nos vários escalões. Contribuímos para eleger dignos filhos da classe operária e do povo, nacionalistas e democratas.

Lados débeis da campanha

Apesar desses êxitos devemos reconhecer que não atingimos todos os nossos objetivos, não só por causa de fatores que independiam de nossa vontade, mas também devido a algumas falhas nossas.

Em primeiro lugar, não houve uma suficiente polarização das forças nacionalistas no apoio ao sr. Ademar de Barros; influentes setores das forças populares e nacionalistas, bem como parte do proletariado, formaram ao lado do sr. Carvalho Pinto. O próprio nível do conhecimento mútuo entre as forças nacionalistas impediu sua maior unidade, bem como seu amadurecimento não possibilitou o encontro de um candidato que mais facilitasse a união dessas forças. Foi, porém, em torno do sr. Ademar de Barros que se uniram as mais importantes forças nacionalistas. Esta divisão e esta fraqueza unitária foram a causa principal da derrota de Ademar e Frota Moreira e ainda da não reeleição de deputados nacionalistas.

Outros fatos devemos levar em conta: a luta por interesses particulares dentro da coligação em prejuízo do interesse geral, diretórios municipais que deixaram de acompanhar os estaduais, a preocupação de certos diretórios

lar e derrotar as forças entreguistas e reacionárias.

Nêste sentido, formaram-se no país coligações eleitorais as mais amplas possíveis, alcançando importantes vitórias em vários Estados da Federação como no R. G. do Sul, Pernambuco, Estado do Rio, etc., e conseguindo desbaratar fortes redutos das forças reacionárias e entreguistas. Desenvolveu-se a consciência nacionalista das massas, que elegeu um maior número de parlamentares nacionalistas às Câmaras Legislativas estaduais e federais. A atuação dessas coligações eleitorais provocaram o desespero dos setores reacionários que viam nelas uma força capaz de derrotá-

los. de só eleger seus deputados, reservas para com os comunistas, partidas de certas pessoas da coligação, a falta de um programa de realizações viáveis que pudesse ser apresentado com o tempo para as massas, o escasso tempo de esclarecimento do eleitorado, dado o atraso do acôrdo eleitoral, o que independeu de nossa vontade, o caráter geral da propaganda das forças coligadas, que não levantou algumas das reivindicações mais sentidas das massas e não esclareceu o caráter conservador reacionário da candidatura do sr. Carvalho Pinto. É inegável que tudo isto influiu para o resultado negativo na votação do sr. Ademar de Barros.

Devemos considerar também que o governador e outras correntes que apoiavam Carvalho Pinto, utilizaram ao máximo a máquina do Estado, o dinheiro público, empréstimos, subvenções, emprêgos etc. Tudo isso foi utilizado no mais alto grau, além de uma propaganda caríssima que conseguiu ganhar certos dirigentes sindicais e confundir certa parte da massa. A atuação de parte do clero foi mais ativa que nos pleitos anteriores.

Os comunistas participaram com entusiasmo e abnegação das eleições, levaram à massa a nossa política e, estamos certos, contribuíram para o fortalecimento da frente única, fortalecendo-se também. As experiências positivas e negativas de 3 de outubro mostram que foi justa essa atuação dos comunistas.

É nosso dever, entretanto, assinalar que houve algumas deficiências nossas, decorrentes da falta de melhor assimilação de nossa nova orientação, do não rompimento total com as velhas concepções que não permitem uma justa apreciação sobre a importância das eleições para a solução dos problemas de nosso povo. Estas debilidades levaram a que alguns comunistas tivessem reservas no tra-

Após o pleito eleitoral, novas batalhas em defesa do povo apresentam-se para os comunistas.

A exploração contínua e crescente dos monopólios norte-americanos contribuiu decisivamente para o agravamento das condições de vida do nosso povo, particularmente das massas que vivem de salários e ordenados fixos.

O presidente Juscelino Kubitschek, sob pressão das forças reacionárias de dentro e de fora do Governo, vem adotando medidas impopulares e entreguistas. As portarias 166 e 167 da SUMOC, a liquidação do monopólio estatal da importação da borracha, os aumentos de impostos, as emissões e desvalorização do cruzeiro agravam ainda mais as condições de vida de nosso povo. A crise do café agravada ao extremo pela ação dos monopólios ianques — e por falta de outras medidas governamentais — coloca em perigo não apenas a economia nacional cafeeira, mas o próprio conjunto da economia nacional. O governo tende a enfrentar essa situação descarregando sobre o povo as dificuldades. Não é outro o sentido do plano de estabilização monetária, em suas linhas gerais.

Essa política exige do povo maiores sacrifícios e o presidente não toma qualquer medida contra os monopólios norte-americanos, que nos exploram. Acenando com a bandeira da luta contra o atraso dos países latino-americanos, o mesmo, os nacionalistas de-

balho de coligação e poucos, em última análise, compreendessem a justiça de nossa posição eleitoral. Debilidade foi também uma certa dispersão de votos que prejudicou nossa contribuição para a eleição de um maior número de nacionalistas para os órgãos legislativos. Nossa propaganda nem sempre apontou com clareza a exploração dos monopólios norte-americanos como a causa principal da situação de nosso país. Levantando ao mesmo tempo aquelas reivindicações mais sentidas pelas massas não devíamos ficar, como ficamos, em formulações gerais, embora justas. Não davamos o necessário vigor ao desmascaramento das medidas antipopulares tomadas pelo governo federal. Com relação ao governador do Estado, nossa posição vinha se ressentindo há algum tempo da falta de uma justa apreciação da política aplicada pelo sr. Jânio Quadros, o que deixou caminho aberto para sua penetração parcial nas massas e entre comunistas. Não foi por outro motivo que o noticiário da nossa imprensa, no decorrer da campanha, chegou em certo momento a causar confusão.

Apreciando todos os aspectos de nossa atividade e os resultados da votação, verificamos que continua fraca nossa atuação entre as amplas massas camponesas, apesar das excelentes condições para mobilizá-las na luta geral de nosso povo. Das debilidades que se apresentaram durante a atuação dos comunistas na campanha eleitoral as que mais se salientaram foram ainda as de fundo setário.

Os comunistas aprenderam bastante na campanha eleitoral e saberão, estamos certos, aproveitar esses ensinamentos para as próximas eleições municipais, melhorando sua atuação parlamentar, superando as falhas e debilidades, à base de uma maior e melhor assimilação e aplicação da nova política, ligando-se estreitamente às massas.

Ramiro LUCHESI

nunciaram o caráter conciliador e inconsistente da OPA, que só poderia conduzir ao resultado totalmente negativo que já se anuncia.

Face ao agravamento da situação e ao crescente descontentamento das massas, as forças golpistas e entreguistas pressionam ainda mais o governo para conseguir novas concessões, exigem a entrega do petróleo, procuram desmoralizar o parlamento e difundem a idéia da necessidade de uma ditadura.

Devemos mostrar à massa com clareza que nenhuma ditadura atualmente poderá resolver os problemas do povo.

O governador Jânio Quadros, que alardeava ter colocado de pé o nosso Estado, envia à Assembléia um orçamento que reflete demagogia eleitoral, tendo como bandeira o aumento de vencimentos do funcionalismo público. Consequentemente em sua política antipopular, manobra para aumentar o imposto de vendas e consignações, o célebre "imposto da fome" que agravará o custo de vida em mais de 20 por cento, imediatamente. Aumentou ele também as tarifas da Sorocabana, dos taxis e transportes inter-municipais, medidas estas que agravarão ainda mais as condições de vida da população paulista. Quando o povo protesta em praça pública contra tais atos aumentistas, o governador manda tiroteá-lo, como se deu nos acontecimentos de 30 de outubro, na Capital, onde 4 pessoas foram fuziladas e numerosas outras feridas.

Pela unidade das forças nacionalistas e democráticas

Mas o povo paulista tem

demonstrado que não recebe passivamente as medidas antipopulares. As manifestações contra a alta dos preços ocorrida em todo o Brasil, tiveram em São Paulo um dos seus pontos altos e começam a dar os primeiros frutos. A medida governamental de congelar os preços de uma série de artigos de primeira necessidade, a prorrogação da lei do inquilinato, o reconhecimento da excepcionalidade do salário-mínimo, entre outras medidas, provam que o governo é sensível à pressão das massas.

A luta contra a carestia, sendo atualmente a questão mais candente, vem ajudando, sem dúvida, a união de todas as forças nacionalistas e populares, não importa as posições que tenham tomado nas eleições de 3 de outubro, na luta contra os monopólios norte-americanos e para exigir das autoridades federais, estaduais e municipais, medidas que venham favorecer o bem-estar do povo. A fixação de controle de preços, desde a fonte de produção até os consumidores com a garantia de preços remuneradores para os produtores, particularmente aos produtores agrícolas, a limitação de remessas de lucros das empresas estrangeiras, o estabelecimento de relações com todos os países, a seleção de gastos governamentais, aplicação de medidas de reforma agrária, contra o aumento dos impostos que recaem sobre o povo, a luta por melhores salários, particularmente a conquista do salário mínimo de 6 mil cruzeiros ainda este ano, são algumas das medidas que poderão impulsionar a luta contra a carestia, trazendo para a mesma todo o nosso povo. Apesar das contradições entre consumidores, varejistas, produ-

tores da lavouza, do comércio e da indústria, a unidade é possível entre essas forças pois seu inimigo principal comum — os monopólios norte-americanos.

A convenção estadual contra a carestia, aprovada na grande assembleia do dia 23 na Capital, será sem dúvida um poderoso fator para a unidade no âmbito local, municipal e estadual dessas forças.

As manifestações desenhadas na Capital, Santo André, Lins, Taubaté e outras cidades, demonstram que aumenta a disposição de luta e a consciência política das massas e que é possível, através de ações unitárias, conquistar novas vitórias, consolidar e ampliar os passos dados nas eleições no fortalecimento da frente única.

Fazendo um retrospecto das eleições e dos acontecimentos posteriores, verificamos que continua fortalecendo-se a união das forças nacionalistas e democráticas, avança a unidade da classe operária, e que o caminho da luta de nosso povo pela sua emancipação vai se apilando para a conquista de um governo nacionalista e democrático.

Olhando para os acontecimentos mundiais, sentimos fortalecidos com os fatos dos países socialistas em todos os terrenos, com a consolidação da independência dos países que se libertaram do colonialismo, com o avanço da luta dos povos latino-americanos e das seguidas derrotas que vêm sofrendo as potências imperialistas. Por todos os lados, são as forças da paz e do progresso as que são vitoriosas.

Estamos travando a luta para emancipar nossa pátria e para a conquista de um governo nacionalista e democrático, e as eleições de 3 de outubro, foram novos passos dados nesse caminho.

Atualmente, existem aspectos novos em relação aos trustes ianques. Verifica-se uma ofensiva, em larga escala, do imperialismo norte-americano na economia mineira. É evidente que o capital europeu e japonês surgem também associados ao capital privado e estatal, operando em outros setores, através da "Mannesman" (tubos sem costura), da "Usiminas" (siderúrgica) com capital misto

Rio Doce) e a entrega por preço irrisório do minério que rende ao Estado de Minas menos de 10 cruzeiros por tonelada. É como dizia o presidente Arthur Bernardes, "minério não dá segredo da safra": os trustes norte-americanos levaram o minério de ferro e para nós ficam os buracos.

O Código de Minas regulamentava a extração do minério, mas é o Departamento de Produção Mineral que decide sobre o imposto de exportação. É esse Departamento que age de tal maneira contra os interesses da economia nacional, que o governo federal gasta 28 milhões de cruzeiros para arrecadar apenas 21 milhões de cruzeiros, enquanto que no orçamento do Estado de Minas o imposto sobre minérios contribui somente com 4% na receita para o ano de 1954.

A opinião pública nacional e o povo de Minas devem esclarecidos a respeito, a fim de que os patriotas e nacionalistas organizem a resistência contra esta ofensiva do imperialismo norte-americano sobre as nossas reservas minerais.

Estão se exaurindo as reservas de minério de ferro norte-americanas. Dentro de 20 anos os EE. UU. serão forçados a importar, anualmente, com milhões de toneladas. A palavra de ordem ianque é poupar o seu minério pobre ainda existente, importar o produto e fazer reservas à custa dos países produtores. No Brasil, a pretexto de que nossas fontes suportarão 4 séculos extraído 50 milhões de toneladas por ano, advoga-se o máximo de exportação. Isto representará o esgotamento de nossas reservas, a liquidação da única empresa nacional exportadora de minério de ferro (Cia. Vale do

A OFENSIVA DOS TRUSTES IANQUES EM MINAS GERAIS

ELSON COSTA

Até 1955-56, as empresas norte-americanas em Minas Gerais resumiam-se na Cia. Força e Luz de Minas Gerais (só Belo Horizonte), Cia. Telefônica, Meridional (mangueiras) de Lafaiete e numa fábrica de alumínio em Ouro Preto. Apenas quatro empresas, como se vê, destacando-se pela sua importância, a Cia. Força e Luz, que há anos entrava o progresso da capital mineira.

e japonês, da "Simca" (fabricação de peças para automóveis) e da "Intramag" (tratores), ambas dominadas pelo capital francês. No transporte, visando especialmente o minério de ferro, a "Ferrostal" (franco-alemão e grupo Melo Viana) ganha a concorrência para a construção de uma estrada de ferro ligando o Vale do Paraopeba ao porto fluminense de Angra dos Reis.

O imperialismo norte-americano orienta-se para outros ramos de atividade, particularmente o minério de ferro. Podemos antever nas montanhas a peleja entre titãs imperialistas e a luta do povo no sentido da emancipação econômica de sua Pátria.

A "Nestlé" instalou-se em Três Corações e a "Brasinet" organiza a exploração do níquel em Passos. Em Itapicirica, a "Ford" pretende explorar grafite e a "Kaiser" Alumínio e "Reynolds" projetam extrair bauxita em Poços de Caldas. A "RCA-Victor" montou fábrica de válvulas eletrônicas na Cidade Industrial e a "Light" e "Bond and Share" partici-

pam com 30%, as duas, no capital para a construção de Furnas.

Mas é no setor de minérios que a ofensiva se realiza em larga escala. Além do pirecloro de Araxá, entregue quase de graça ao truste "Wah Chang S/A", a "Hanna" (empresa norte-americana que comprou a Morro Velho, a "Kaiser" e Rockefeller planejam a extração e exportação anual de 35 milhões de toneladas de minério de ferro.

Estão se exaurindo as reservas de minério de ferro norte-americanas. Dentro de 20 anos os EE. UU. serão forçados a importar, anualmente, com milhões de toneladas. A palavra de ordem ianque é poupar o seu minério pobre ainda existente, importar o produto e fazer reservas à custa dos países produtores. No Brasil, a pretexto de que nossas fontes suportarão 4 séculos extraído 50 milhões de toneladas por ano, advoga-se o máximo de exportação. Isto representará o esgotamento de nossas reservas, a liquidação da única empresa nacional exportadora de minério de ferro (Cia. Vale do

Rio Doce) e a entrega por preço irrisório do minério que rende ao Estado de Minas menos de 10 cruzeiros por tonelada. É como dizia o presidente Arthur Bernardes, "minério não dá segredo da safra": os trustes norte-americanos levaram o minério de ferro e para nós ficam os buracos.

O Código de Minas regulamentava a extração do minério, mas é o Departamento de Produção Mineral que decide sobre o imposto de exportação. É esse Departamento que age de tal maneira contra os interesses da economia nacional, que o governo federal gasta 28 milhões de cruzeiros para arrecadar apenas 21 milhões de cruzeiros, enquanto que no orçamento do Estado de Minas o imposto sobre minérios contribui somente com 4% na receita para o ano de 1954.

A opinião pública nacional e o povo de Minas devem esclarecidos a respeito, a fim de que os patriotas e nacionalistas organizem a resistência contra esta ofensiva do imperialismo norte-americano sobre as nossas reservas minerais.

NA G. E. TRABALHA-SE A UMA TEMPERATURA ATÉ DE 57 GRÁUS

Picadinho de carne seca com abóbora, prato único servido no restaurante — Um «boss» insulta os operários — Quem trabalha por produção não tem direitos

Na fábrica G. E. (General Elétric), truste norte-americano de material elétrico, trabalham vários milhares de operários, homens e mulheres, que há muito se queixam das péssimas condições de trabalho e da opressão a que estão sujeitos, embora os lucros da empresa cresçam constantemente.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

A fábrica ocupa uma grande área de terreno confinada entre os bairros de Vieira Fazenda, Maria da Graça e Jacaré, no Distrito Federal. É um verdadeiro campo de concentração, onde os operários padecem os rigores de um trabalho intenso, humilhações e mesmo agressões. Recentemente, um operário foi agarrado pelo braço e atirado escada abaixo apenas por ter observado ao supervisor, que o requisitava para realizar determinado trabalho, que não podia abandonar em meio a tarefa que executava sem autorização do encarregado do serviço.

TRABALHO SOB CALOR DE 57 GRAUS

Na porta da fábrica, em torno do repórter, formou-se um círculo de operários, todos desejosos de apresentar suas denúncias.

«Descreva no seu jornal, disse um trabalhador, as misérias do Departamento 11, que é o das lâmpadas. Nesse Departamento, comparado ao qual o inferno deve ser ser-vete, trabalham cerca de 80 moças. Veja o senhor que, outro dia, 20 delas tiveram de ser socorridas, tendo desmaiado por não suportarem a temperatura que atinge a mais de 57 graus. Nesse dia o termômetro instalado no local que mede só até 55 graus deixou de funcionar. A temperatura foi então medida com um termômetro de forno, o qual acusou 57 graus! Essa brutal temperatura as moças recebem diretamente no rosto no ato chamado de «selagem das lâmpadas».

Ditas moças percebem salário mínimo e, no entanto, são obrigadas a usar determinados meios de proteção contra acidentes, como sapatos fechados etc., que a empresa não fornece, como é de sua obrigação fazê-lo.

RESTAURANTE PRÓ-FORMA

A fábrica possui um restaurante que cobra Cr\$ 15,00 por refeição.

«Mas a maioria dos companheiros prefere trazer marmita, diz um trabalhador. Isso por dois motivos. Um de ordem econômica. Não podemos fazer duas despesas. Uma em casa e outra na fábrica. Em casa a comida é feita para toda a família nos limites das nossas possibilidades. A patrão separa o quinhão do «papal» e o resto divide. O segundo motivo é que o «picadinho» de carne seca com abóbora servido no restaurante todos os dias estafa qualquer um, ninguém aguenta».

Mas os portadores de marmitas são proibidos de senalar no refeitório. Quem não «morre» com as 15 pratos no «picadinho» vai com a marmita para o refeitório. Quando chove as moças se recolhem a um barracão que serve de depósito de ácido muriático e ácido sulfúrico.

A LATA DOS RESTOS

A G. E. tem três restaurantes — um para os operários diaristas, um para os mensalistas e outro para os chefes. Com isso a empresa estabelece uma certa hierarquia e divide os trabalhadores, procurando incutir nos mensalistas um certo grau de superioridade, pois a qua-

lidade da comida servida varia de acordo com os frequentadores de cada restaurante.

D. Ormezzina Grossi, uma velha enfermeira com mais de 35 anos de serviço, procura convencer os operários de que a comida que lhes é servida é a mesma dos outros dois restaurantes. Dona Ormezzina é um «caco», mas não desiste de defender a empresa, dizem os trabalhadores, que por ela nutrem um misto de piedade e antipatia.

«Comidinha de rachar é esta aqui», dizia à hora da refeição um trabalhador, ao que logo interveio Dona Ormezzina: — «Não sei o que é que vocês querem. A comida de vocês é igual a dos outros dois restaurantes. — «Tique quieto dona Ormezzina, retrucou o operário piscando o olho para os outros, pensa que não vemos a lata dos restos todos os dias?»

A referida lata é colocada ao alcance dos trabalhadores que queiram levar os restos de comida dos restaurantes para os «bichos de casa». Ali, num só dia, sobre a carne moída, feijão e arroz (restos de comida intragável de Cr\$ 15,00), os trabalhadores contaram 40 esqueletos de galinha... do restaurante dos chefes, cujas refeições são regadas a Wiskie e outras bebidas.

Mas, dona Ormezzina não vê isso, assim como não vê que o restaurante dos operários tem dois ventiladores sempre enguiçados, enquanto que o dos chefes possui ar condicionado.

Os trabalhadores sentem pena de dona Ormezzina, vendida acabada, com seus 35 anos de serviço prestados ao truste, mal remunerada e ressequida pela Companhia, desde pequena. A única homenagem que a G. E. lhe presta pelos longos anos de bons serviços é destacá-la para hastear a bandeira nos dias de festa.

«Lembre a dona Ormezzina, através do seu jornal, pediu um operário, o exemplo do velho «alfaiate». Era companheiro dela nos atos de hasteamento da bandeira. Morreu no mesmo período em que morreu um diretor da fábrica. No primeiro dia de festa, quando dona Ormezzina recebeu a honra de hastear a bandeira, foi observado um minuto de silêncio. Para o alfaiate? Não! Para o diretor.»

O «BOSS» INSULTA OS TRABALHADORES Anunciado que o Diretor

Presidente da G. E., norte-americano, visitaria o Brasil, foi um Deus nos acuda. Era preciso deixar a fábrica brilhando para recebê-lo. Os operários de todos os Departamentos foram mobilizados para a limpeza. O Departamento 35, o principal, não foi poupado. Seus operários, cerca de 70 dos mais qualificados, tiveram que cair na limpeza também. De qualquer maneira ganhariam uns cobres a mais nos extraordinários. Meteram mãos à obra. Pintaram bancos, vasculharam tetos, tudo em ordem.

O diretor chega visita a fábrica, encontra tudo bem Mas o sr. Sheid, novo gerente, recém-chegado dos Estados Unidos, não ficou lá muito satisfeito. Resolveu então proceder à classificação dos Departamentos pelo grau de limpeza apresentado. Num aviso que dizia acompanhado do resultado do «concurso», insultava os operários do Departamento 35, dizendo que demonstravam estar habituados a viver não na limpeza, e sim, em chiqueiros.

Os operários se rebelaram e exigiram do encarregado que os termos do aviso fossem modificados. Este, cheio de si, disse que o dito estava dito e nada modificaria. Os trabalhadores, então, retiraram o aviso do quadro e foram ao tal sr. Sheid, a quem disseram não aceitar tal tratamento e que o aviso não continuaria no quadro naqueles termos. O sr. Sheid nada respondeu, mas amarrotou o aviso e atirou-o ao chão, iuguar que lhe era mais próprio, aliás. Mas, para não dar o braço a torcer mandou afixar outro aviso, dizendo que no futuro a limpeza deveria ser mais completa.

QUEM TRABALHA POR PRODUÇÃO NÃO TEM DIREITO

Os operários da G. E. têm muitas reivindicações a conquistar e muitas denúncias a fazer. A delegação sindical local está a par de todas e as tem levado ao conhecimento do seu órgão de classe. Mas falta aos trabalhadores um maior grau de esclarecimento e organização, a fim de que haja unidade em defesa dos seus direitos. Só através da unidade de ação em defesa dos seus direitos já assegurados em lei, poderão os trabalhadores evitar casos como o dos velhos vi-

VOZ OPERÁRIA

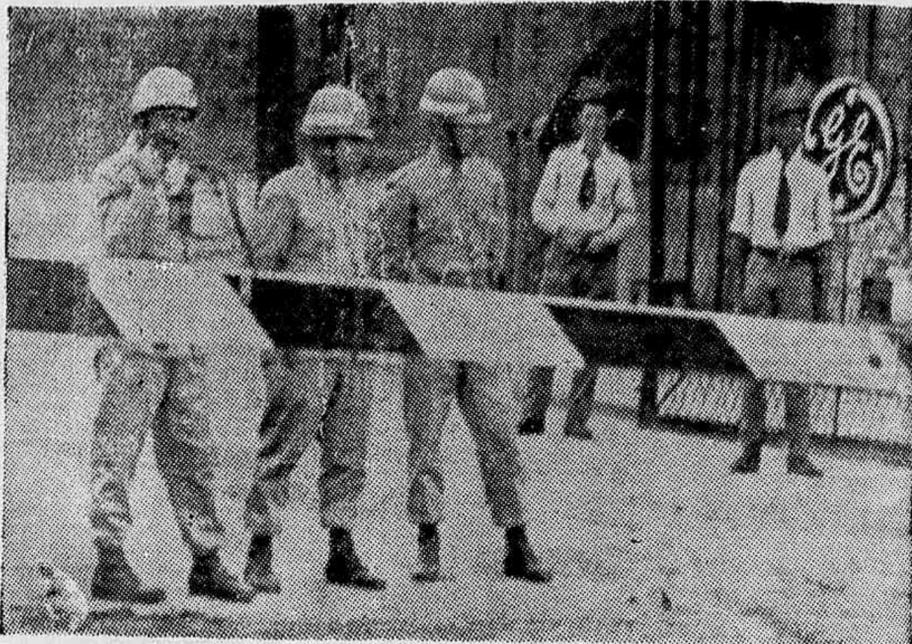
DIRETOR
Mário Alves
MATRIZ

Redação:
Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1.712 — Tel: 42-7344
Administração e gerência:
Av. Rio Branco, 257, 9º andar, sala 905

ASSINATURAS
Núm. avulso 3,00
Anual 150,00
Semestral 80,00
Trimestral 60,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte: Núm. atrasado .. 5,00

SUCURSAL
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria n° 66, s/ 43.

direitos da empresa, que há dois anos lutam para que lhes seja pago o aumento a que têm direito. A questão está morando na Justiça do Trabalho. A G. E. alega que eles não fazem jus ao aumento porque trabalham por produção. Se a moda pega, certamente a empresa determinará que todos os operários passem a trabalhar por produção.



As instalações da GE, entre os bairros Vieira Fazenda, Maria da Graça e Jacaré é um verdadeiro campo de concentração. Mal os operários articulam um movimento reivindicador, abate-se sobre ele a ação da polícia. A foto acima foi feita durante a greve dos operários da GE em 1957.

Associação dos Diplomados do ISEB contra o livro do sr. Jaguaribe

Recebemos com pedido de divulgação:

«A Diretoria da Associação dos Diplomados do I.S.E.B., reunida para examinar a situação criada com a publicação do livro «O Nacionalismo na Atualidade Brasileira» do prof. Hélio Jaguaribe, resolveu:

a) reafirmar sua confiança e solidariedade à Direção do I.S.E.B., em sua posição de defesa do nacionalismo brasileiro;

b) reconhecer que as teses expostas no livro do professor Jaguaribe são de sua exclusiva e pessoal responsabilidade, e que muitas dessas teses contrariam a orientação geral do I.S.E.B..

(as.) Eurico da Costa Carvalho
Presidente»

EM DEFESA DA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO NAVAL

Os trabalhadores marítimos, em frente única com os armadores nacionais, estão atualmente empenhados numa campanha contra concessões na indústria de construção naval a empresas estrangeiras.

É sabido que a indústria nacional de construção naval há muito está praticamente abandonada, enquanto que a Marinha Mercante necessita urgentemente de navios, pois dispõe de uma frota capaz de transportar apenas 8% dos 50% que lhe cabem por direito nas nossas importações e exportações.

Para fazer frente as despesas exigidas pela renovação da frota mercante foi criado, pela lei n. 3.381, de 24 de abril do corrente ano, o Fundo da Marinha Mercante. Logo após surgiu a empresa de construção naval japonesa Ishikawajima, propondo-se a construir estaleiros no país, e à qual de início já seriam concedidos favores especiais, tais como financiamento, arrendamento em condições vantajosas de uma área de terra na Ponta do Cajú (Distrito Federal), etc.

FRENTE ÚNICA DE MARÍTIMOS E ARMADORES

Contra a concessão à empresa japonesa ergueram-se em frente única os trabalhadores marítimos e os armadores nacionais. Reuniões foram realizadas na Federação dos Marítimos, no Sindicato dos Armadores, etc., e o assunto foi amplamente debatido, inclusive pela imprensa. Ante o clamor levantado, o Ministério da Viação procurou dar à concessão uma forma que se afigurasse mais aceitável. Assim, através do GEICON (Grupo Executivo da Indústria de Construção Naval), deu pra-

mam ainda que a concessão de estaleiros — considerados portos livres, sem estar o acostamento de navios sujeito à fiscalização — a empresas estrangeiras afetam a segurança nacional.

CONSTRUÇÃO NAVAL DEVE SER NACIONAL

A empresa japonesa já bateu a estaca inicial do estaleiro que deverá construir no Rio. Provavelmente serão feitas concessões a outras empresas estrangeiras, como à VEROLME, holandêsa e à MCMULLEN, americana.

A frente única dos trabalhadores marítimos e dos armadores nacionais não entrou, entretanto, a sua bandeira. Ao contrário prossegue na luta, objetivando fazer o Ministério da Viação e o GEICON, que têm a sua frente o Ministro Lúcio Meira, revogar as medidas de entrega já adotadas. Assim em todos os locais de trabalho, os marítimos se organizam em comissões de defesa da Marinha Mercante e da indústria de construção naval nacional, visando, por todas as formas, pressionar os órgãos e autoridades governamentais responsáveis pelo assunto. Os marítimos e armadores navais chamam a atenção sobretudo do Parlamento para a violação que estaria ocorrendo, da lei nacionalista que criou o Fundo da Marinha Mercante ao ser este desviado para o financiamento de empresas estrangeiras.

NAO SE CONFORMAM OS MARÍTIMOS

Com isso não se conformam os trabalhadores marítimos e os armadores nacionais. A concessão à Ishikawajima — consideram eles — significará a morte da construção naval brasileira, pois as empresas nacionais não poderão competir com a japonesa que, além de poderosa, conta com a ajuda preferencial do governo.

Alegam alguns líderes marítimos que para os trabalhadores essa concessão encerra também o perigo do desemprego, uma vez que à Ishikawajima é facultado trazer operários especializados do exterior — o que sem dúvida fará em larga escala, sabido que em seu país de origem há hoje excesso de mão de obra.

Marítimos e armadores niftr

O Movimento Comunista.

(CONCLUSÃO DA PÁG. 5) amantes da paz pode impedir a eclosão da guerra e, no caso em que manfiscos militantes do imperialismo sejam demasiado afoitos, sem levar conta alguma em consideração, então o imperialismo se condenará à morte, pois os povos não tolerarão mais um regime que conduz em si tão pesados sofrimentos e desgraças.

EXITOS DOS PARTIDOS COMUNISTAS
PONOMARIOV ressalta, a seguir, o papel de crescente importância que desempenha no mundo a classe operária e menciona uma série de êxitos obtidos ultimamente pelo movimento comunista no mundo.

Sobre o movimento comunista na América Latina, escreve Ponomariov: "No último ano cresceu rapidamente a influência dos partidos comunistas dos países da América Latina, especialmente da Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Cuba, Venezuela e Colômbia. É consequência da luta abnegada dos comunistas pelo desenvolvimento do movimento democrático e de libertação nacional. Desde o fim de 1957 ingressaram no Partido Comunista Argentino 15 mil pessoas, e cerca de 1.500 no Partido Comunista do Uruguai. O Partido Comunista da Venezuela saiu da clandestinidade e transformou-se numa grande força política no país. O número de seus membros elevou-se a 20 mil. Um grande êxito do Partido Comunista do Chile foi a criação de uma central sindical única dos trabalhadores chilenos e a frente popular do Chile, que une todos os partidos de esquerda. Cresceu tanto a autoridade dos Partidos Comunistas, tão ponderável é a sua importância no movimento de libertação nacional, que os governos da América Latina foram obrigados, sob pressão das massas populares, a revogar as leis que proibiam sua existência, ou a permitir de fato, sua saída da ilegalidade.

Os Partidos Comunistas dos países da América Latina lutam cada vez mais estreitamente unidos contra o inimigo comum dos povos latino-americanos — o imperialismo dos Estados Unidos. Isto permite a intensificação das atividades dos Partidos Comunistas da América Latina, que contam em suas fileiras com mais de 360 mil comunistas.

«Os partidos comunistas e operários em muitos países capitalistas estão experimentando novas e sérias provas. Em tais períodos, ensina o marxismo-leninismo, é particularmente necessário conservar a unidade das fileiras partidárias, a pureza da teoria revolucionária, a flexibilidade nos métodos de luta, as ligações com as massas populares. Só é possível enfrentar a ofensiva da reação com a mobilização das massas, através da coesão de todas as forças da democracia e do progresso. Nestas condições, não deve haver nem sombra de estreitezas sectárias, de reservas, de separação das massas populares. Os comunistas, ensinou V. I. Lênin, devem trabalhar onde quer que estejam as massas, dirigir-se a todas as camadas populares, e fortalecer incessantemente as ligações com o povo.»

O CARÁTER DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

O movimento revolucionário tem um caráter universal. Seu principal apoio é o campo socialista. Os grandes êxitos do campo socialista são êxitos do comunismo internacional.

Atualmente, quando todo o sistema capitalista mundial amadureceu para as transformações socialistas, coloca-se de um modo novo a questão do desenvolvimento do movimento operário revolucionário mundial. Atualmente, este movimento se desencadeia numa frente consideravelmente mais ampla que antes. Criam-se novos focos de movimento revolucionário.

Também é característico o fato de que se em algumas regiões do globo o movimento operário revolucionário não consegue, temporariamente, grandes êxitos, como ocorria ainda há pouco, por outra parte este movimento avança rapidamente em outras regiões do globo. Se em alguns antigos países capitalistas — nos países do chamado capitalismo clássico — a burguesia e seus auxiliares, os socialistas de direita, ainda conseguem enganar uma parte dos trabalhadores, inclusive dos operários, em outros países, porém, particularmente nos países do Oriente, da América Latina e numa série de países da Europa o movimento operário destaca-se por seu caráter combativo, pela coesão, mostra-se um modelo de tempera marxista-leninista e está em ascensão.

Uma longa parte do artigo de Ponomariov é dedicada à luta que vem sendo travada pelos partidos comunistas e operários contra o revisionismo e outras tendências oportunistas, destacando particularmente o papel desagregador desempenhado pelos dirigentes da União dos Comunistas Iugoslavos.

Numa série de partidos comunistas trava-se com êxito e já foi vitoriosa a luta contra os agrupamentos revisionistas, como ocorreu com os partidos comunistas dos Estados Unidos, Brasil, Canadá, Áustria, Itália e Holanda. Entretanto, a luta contra o revisionismo continua e se aguçará em alguns partidos comunistas.

Depois de mencionar os êxitos que vêm sendo obtidos pelos comunistas na luta pela unidade da classe operária, onde importante papel é ocupado pelos contactos, alianças e pactos de ação comum entre os comunistas, os socialistas e outras forças de esquerda, Ponomariov passa a falar sobre os assaltos que vêm sendo desfechados pelas forças reacionárias contra as liberdades democráticas e as conquistas populares.

Anastácio Ferreira dos Santos

A 26 de Novembro passado, faleceu em Salvador, o antigo militante operário Anastácio Ferreira dos Santos, que dedicou sua vida à causa do proletariado e da libertação nacional. Era Anastácio um entusiástico e exemplar difusor de VOZ OPERÁRIA, por cuja distribuição era responsável na zona do Curuzú, no bairro da Liberdade, onde gozava de grande estima de todos os companheiros e do povo em geral.

Ao fazer este registro, lamentamos profundamente o desaparecimento de Anastácio Ferreira dos Santos.

ABONO...

Conclusão da 12a. página tanto no plenário como nas Comissões pelas quais, obrigatoriamente, terá que transitar o projeto de imposto de consumo com as contas consumo com as cento e muitas emendas que carrega, e se a maioria, dividida como se encontra, não vier dar sôzinha a votação necessária para a aprovação dos dois dispositivos. Lucas Lopes, serão mínimas as possibilidades de aprovação do abono ainda este ano, de vez que as festas natalinas interromperão os trabalhos legislativos até o dia 3 ou 4 de janeiro.

Esta luta a possibilidade de um acerto de última hora entre a maioria e a oposição.

CHANTAGEM DO GOVERNO AUMENTARÁ A CARESTIA

É necessário que fique bem clara aos olhos de todo o povo brasileiro a responsabilidade que cabe ao governo, ao ceder ao estado maior do entreguismo instalado com o sr. Lucas Lopes no Ministério da Fazenda. Um projeto que visa atender o mínimo da justa e urgente reivindicação dos servidores públicos civis e militares, encostados à parede pela alta crescente do custo da vida, não pode ser transformada num instrumento de chantagem para a extorsão da chancela do Congresso Nacional aos dois projetos do Ministério da Fazenda.

ABONO SEM AUMENTO DE IMPOSTOS

O abono encontra-se, sem dúvida, seriamente ameaçado. Existem, contudo, possibilidades de vitória: a luta, e como o tempo urge, mais enérgica e vigorosa do funcionalismo pela aprovação de seu projeto, a luta de todo o povo contra o Plano de Estabilização Monetária, que os monótonos imperialistas querem impor ao nosso país.

Livros e revistas recém-chegados da China e da Argentina
Em espanhol, francês e inglês.
Visite a Editorial Vitória Ltda.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 sob. — Telefone: 22-1613 RIO DE JANEIRO — DF
Fornecemos listas de preços
Atendemos também pelo Reembolso Postal.

PAGAMENTOS DE 11/12 a 17/12/58: Mogi das Cruzes Cr\$ 1.100,00; Campos Cr\$ 800,00; Curitiba Cr\$ 350,00; Brasília Cr\$ 500,00; João Pessoa Cr\$ 1.800,00; Franca Cr\$ 250,00; Diamantina Cr\$ 610,00; Curitiba Cr\$ 100,00; M. Valença Cr\$ 625,00; Itapetininga Cr\$ 370,00; Pompeia Cr\$ 400,00; Corumbá Cr\$ 1.500,00; Ponta Grossa Cr\$ 1.000,00; S. J. Campos Cr\$ 700,00; Rio Bonito Cr\$ 300,00; Uberlândia Cr\$ 500,00.

HOMENS & PARTIDOS «DE ESQUELO»

(CONCLUSÃO DA PÁG. 8) mente se reforça, enquanto se agravam as dificuldades do mundo capitalista. É verdade que os progressos do mundo socialista são portentosos e que não é boa a situação do mundo capitalista, mas não é atitude compatível com a de comunistas esperar que tudo venha cair-lhes nas mãos.

OFENSIVA NA ITALIA

Considera o informe que as forças reacionárias estão em ofensiva na Itália, que violaram a Constituição, que reduziram a benévolas concessões do Executivo os direitos à liberdade, que não respeitam as autonomias locais, que instauraram a discriminação entre cidadãos, tendo havido frequentes intervenções da força pública contra os trabalhadores e a favor dos patrões.

Essa ofensiva da reação contém elementos de degenerescência que poderão levar a um regime de domínio do partido clerical apoiado pelos americanos. Em alguns ensaios dessa política, os comunistas e os representantes de outras forças populares têm dado respostas rápidas e não privadas de eficácia, no terreno da denúncia e dos protestos de massa. As tarefas de luta contra a ofensiva reacionária não podem, porém, ser consideradas como concluídas. Dessas denúncias e protestos é preciso que as forças populares da Itália passem à luta sistemática no sentido de que a Constituição, há mais de dez anos promulgada, seja respeitada integralmente. O atual governo a isto se opõe obstinadamente — afirma Togliatti.

Sobre o caráter do governo italiano muita discussão tem havido e não faltou quem o definisse como instrumento ou manifestação de um chamado novo reformismo, o reformismo católico. Mas é preciso saber-se de que espécie seria esse reformismo. Há o reformismo, lembra Togliatti, que Lênin apontava como sendo tolerável, o qual permite no processo democrático avanços graduais. Mas também há o mau reformismo, e exemplo típico desse mau reformismo é o que facilita as mais vergonhosas iniciativas reacionárias, é o reformismo de Guy Mollet, que organizou a guerra de Suez, que fez tudo que estava em seu poder para impedir a unidade do movimento operário e que hoje colabora com De Gaulle.

UNIDADE

Depois de pregar para o caso da Itália reformas econômicas importantes, como uma reforma agrária que limite a grande propriedade e dê a terra à quem a trabalha, uma reforma industrial que nacionalize os grandes monopólios privados e adote a gestão operária, melhores condições de funcionamento da previdência e, finalmente, liquidação do analfabetismo e criação de uma escola única de dez anos, Togliatti abordou o problema da unidade da classe operária italiana.

Os comunistas são tão zelosos por sua autonomia partidária quanto os socialistas, disse o informante. Mas a questão é que os dois partidos nasceram do mesmo tronco, tendo ambos uma composição e preponderantemente operária. Dois partidos, em tais condições, ou colaboram ou um deles é levado a mudar, de campo, se inclinar para o maximalismo charlatão, a social-democracia ou para outras tendências, que possam ter apoio em grupos da classe operária, afastando-se assim da verdadeira posição de classe.

Entre os socialistas houve

sem dúvida quem pensasse a partir de 1955, que houvesse chegado um momento de modificações radicais. Haveria de verificar-se, segundo pensavam aquelas pessoas, uma série de terremotos no mundo socialista. E na Itália, como reflexos, o Partido Comunista assistiria ao ocaso de sua própria força e autoridade. Era uma previsão de todo errada, de um impressionismo publicitário infantil. Então alguns socialistas sustentaram que deveria existir uma luta entre os dois partidos operários, uma luta aberta, na qual um tendesse a se desagregar de outro e jogá-lo para trás. Essa posição, na medida em que teve eficácia, só serviu aos adversários da classe operária, ao inimigo comum, aos que sempre tentaram elevar entre os comunistas e socialistas barreiras de incompreensão e de contradições artificiais. Os próprios socialistas hoje percebem que as serelas que tentavam desviá-los de seu caminho através de um canto enganador, na hora das definições nada lhes davam nem ao menos prometiam. Para dar qualquer coisa deveriam aceitar um ou outro ponto do programa socialista, mas esse ponto seria também um

ponto do programa dos comunistas. Nada feito, então, porque a grande burguesia, nesse terreno, não admite concessões.

O PARTIDO

Togliatti, ao concluir, falou da necessidade de constituição de um partido disciplinado e ativo, de um partido combativo, observando que para isso é necessária uma linha política definida, além de uma sólida base ideológica.

Comunistas e socialistas, ou se fôr o caso, os comunistas sózinhos, têm hoje o dever de suscitar a resistência e a luta de todas as forças democráticas, de modo que surja em toda a Itália uma sólida colaboração organizadora que oriente as massas populares, que barre o caminho ao partido clerical, criando condições para que se verifique em todo o país uma renovação econômica e política, em defesa da democracia e da paz.

FARSA ELEITORAL...

Conclusão da pag 4

Movimento 26 de Julho. Idêntico objetivo tiveram os brindes de John Foster Dulles a Batista, durante uma recepção na Embaixada de Cuba em Washington. Foi também para apoiar Batista e seu candidato e para intimidar o povo cubano que, às vésperas da eleição vários navios de guerra dos Estados Unidos ancoraram no porto de Havana para uma "oportuna" visita de cortesia. E, para tornar bem clara a posição de seu governo, o Embaixador dos Estados Unidos, Mr. Smith, no mesmo dia do pleito visitou os três candidatos. Agüero, Grau San Martín e Sterling.

MANIFESTO DO C. N. DO PARTIDO SOCIALISTA POPULAR

Logo após a proclamação dos falsos resultados da eleição de 3 de novembro, que leva Rivero Agüero à sucessão do ditador Fulgêncio Batista, o Comitê Nacional do Partido Socialista Popular, partido da classe operária cubana, lançou importante Manifesto.

Depois de recordar sob que condições Batista impusera o seu continuador, diz o documento: — "Cuba continua na mesma crise, sem solução e sem outro caminho para uma solução que não seja a luta vigorosa do povo, unido em sua ação e em seus objetivos". E, continua: "Rivero Agüero, o presidente do continuismo imposto em uma farsa eleitoral, havia declarado em sua propaganda para atrair algum crédito popular em seus "comícios", que se encontrava disposto a ir até onde fosse necessário para encontrar a paz e a concórdia". Agora terminada a comédia, diz que buscará essa "paz e concórdia" pelo mesmo caminho que Batista, isto é, pelo caminho que conduziu à guerra civil, ao sangue do povo derramado, ao crime, à crise que divide a nação."

Continua o Manifesto: "Hoje como ontem, repetimos: essa não é a solução. — O caminho da solução para Cuba, de paz, estabilidade e concórdia, é o caminho da democracia, da liberdade, da aplicação de um programa popular e da vontade do votante livremente expressa e honradamente reconhecida. Tal caminho — como afirmamos antes da farsa — se expressa simplesmente nas seguintes reivindicações democráticas da nação: imediata re-

núncia de Batista e seu governo e anulação da farsa; governo provisório capaz de assegurar os direitos democráticos mínimos do povo; restauração das liberdades democráticas, libertação de todos os presos políticos e por delitos de opinião, regresso dos exilados, derrogação de todas as leis e medidas de exceção, punição para os criminosos que ensanguentaram Cuba, etc., e sobre tais bases a convocação, em prazo breve, com garantias para todos os partidos e correntes de opinião, de eleições livresmente às urnas e formar um governo de ampla coalizão democrática e patriótica, capaz de realizar as indispensáveis transformações que a nossa economia exige. — Esta continua a ser a solução: solução de PAZ E DEMOCRACIA pela qual lutamos."

Por fim, nesse documento, o C. N. do P.S.P. assim define as tarefas dos comunistas, da classe operária e demais patriotas cubanos: "Não há nenhuma modificação em nossas tarefas na batalha pela liberdade, para a conquista de solução que nossa pátria reclama. A palavra de ordem, agora mais do que nunca é de unir-se! A união é a garantia da vitória do povo. Unirem-se os trabalhadores em seus locais de trabalho, os camponeses, os professores, unirem-se os estudantes, unirem-se o movimento cívico, unirem-se a oposição. União de todos pelas reivindicações próprias de cada setor e contra a tirania. Unir a luta nas cidades à luta nos campos, unir a ação reivindicatória civil à luta armada e vice-versa, para canalizar e concentrar todos os esforços numa mesma e única direção. Isto é o que resta a fazer agora, depois do fragoroso fracasso da farsa. Este é o apelo do Partido Socialista Popular e todos os partidos, grupos, movimentos oposicionistas e democráticos neste momento de intensa alegria pela derrota infligida à tirania e aos seus patrões imperialistas nas urnas espúrias de 3 de novembro. Que o formidável exemplo das massas do povo, com sua unidade nas ações e seu vigoroso repúdio à farsa illumine e guie o caminho para a solução de paz e democracia que Cuba reclama e necessita, e que desejamos, nós, os revolucionários e verdadeiros oposicionistas."

A BATALHA DA DIFUSÃO

AGÊNCIAS RESTABELECIDAS: C. Paulista; Pompeia e Ponta Grossa.
AGÊNCIA REDUZIDA: — Mogi das Cruzes, menos 47%.
AGÊNCIAS SUSPENSAS: Lages, Joinville, Florianópolis, Criciúma, Laguna e Itajaí.
NOVO ASSINANTE: Sta. Maria (1)
NOTA AO LEITOR
Se nas bancas de seu bairro ou de sua rua não for encontrada a venda VOZ OPERÁRIA, avise à gerência pelo telefone 42-7344.

VIGÊNCIA DO SALÁRIO MÍNIMO A PARTIR DE PRIMEIRO DE JANEIRO

A Comissão de Salário Mínimo do Distrito Federal, considerando insuficiente a tabela organizada pelo SEPT, estabeleceu em 6 mil cruzeiros o novo salário mínimo para a região.

Na Comissão não faltaram propostas, partidas precisamente de vogais dos empregadores, de que o novo salário fosse fixado em nível mais elevado. Uma delas, de 8 mil cruzeiros, foi apresentada pelo sr. Afonso Luiz Pereira Junior, vogal dos empregadores que, ao contrário dos demais representantes patronais, desde o início da campanha formou ao lado dos empregados pela concessão da excepcionalidade. Outro vogal empregador propôs 6.600 cruzeiros.

Para as necessidades dos trabalhadores tais níveis não seriam absolutamente exagerados. Mas os vogais dos empregados preferiram votar pela proposta de 6

mil cruzeiros, para a qual já havia sido conquistada a boa vontade do Presidente da República, a fim de evitar que novas dificuldades viessem impedir a decretação dos novos níveis dentro do prazo desejado.

DECRETO ANTES DO NATAL

A ata da reunião da CSM do Distrito Federal que aprovou o novo salário já foi entregue ao Ministério do Trabalho. Espera-se que em breve all cheguem as atas das Comissões de todas as regiões, a fim que o problema possa ser encaminhado ao Presidente da República para ser lavrado antes do Natal,

o competente decreto.

Caso, porém, as Comissões não concluam os seus trabalhos com a devida presteza deverá ser observado o que estabelece o parágrafo único do artigo 115 da Consolidação das Leis do Trabalho, o qual diz o seguinte: «Se uma ou várias Comissões de Salário Mínimo deixarem de remeter cópia autêntica da ata a que se refere o artigo anterior e no prazo fixado pelo parágrafo do mesmo artigo, (15 dias), o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio submeterá ao Presidente da República uma proposta de salário mínimo para a região, zona ou sub-zona, baseada no critério de comparação com as regiões, zonas ou sub-zonas de condições semelhantes».

Como, até o momento, nem sequer a excepcionalidade foi ainda aprovada em todas as Comissões, é de prever que em muitos locais os novos níveis serão fixados pelo critério acima referido. Impõe-se, por isso, onde o caso se apresenta, que os trabalhado-

res se mobilizem com urgência, a fim de conseguir que a fixação do novo salário pelas autoridades governamentais seja levada em conta a sua opinião.

A QUESTÃO DO REZONEAMENTO

Naturalmente, em todas as regiões será seguido o exemplo do Distrito Federal, isto é, os vogais dos empregados nas Comissões de Salário Mínimo procurarão conseguir a aprovação de níveis salariais mais condizentes com a alta verificada no custo da vida de que aqueles apresentados na tabela do SEPT.

A referida tabela, além de não corresponder à realidade da elevação do custo da vida, mantém proporcionalmente as diferenças salariais, em muitos casos injustificáveis, entre as regiões em que está estruturada a instituição do salário mínimo.

Tais diferenças salariais, além de injustas, porque os trabalhadores recebem menos em regiões de custo de vida idêntico ao de outras onde o salário é mais elevado, provoca ainda o desequilíbrio das atividades econômicas, pois é inevitável o deslocamento da mão-de-obra para as regiões onde a remuneração é melhor. É um problema que afeta, portanto, não só aos operários.

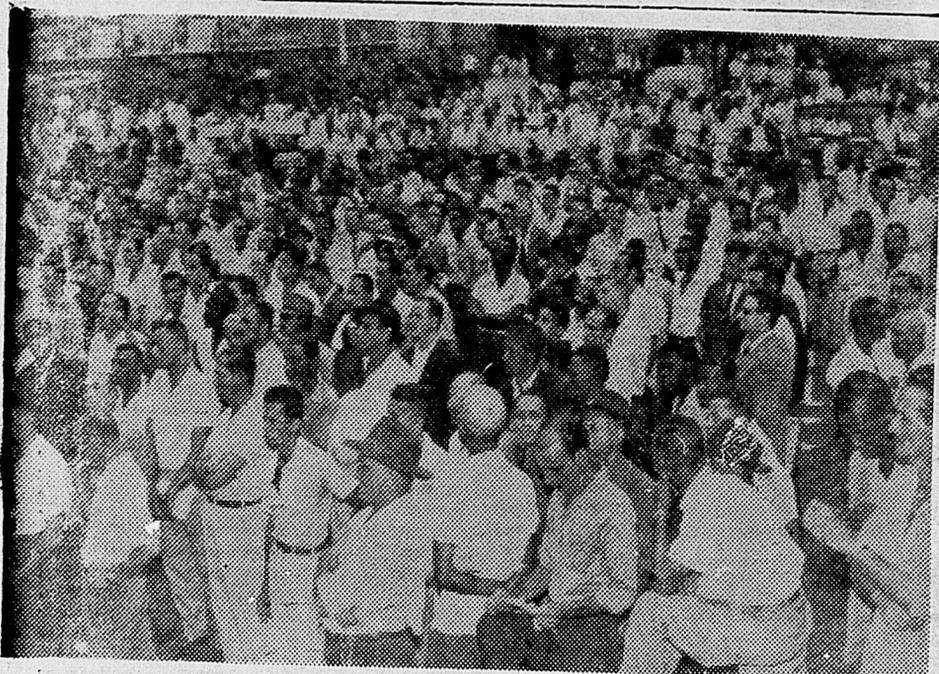
No entanto, o rezoneamento que se pretendia fazer com o objetivo de corrigir essas anomalias, a esta altura não se apresenta praticável. Iria prolongar demasiadamente os trabalhos da revisão, impedindo que os trabalhadores possam ser beneficiados pela medida dentro do prazo esperado. Por isso, mantendo o zoneamento existente, os representantes dos operários procuram contornar a situa-

ção, conseguindo que entre as regiões, zonas ou sub-zonas de custo de vida idêntico ou aproximado, as diferenças salariais sejam apenas simbólicas. Em São Paulo, por exemplo, os trabalhadores batem-se para que a maior diferença salarial entre as 5 regiões existentes não exceda a 200 cruzeiros. Atualmente tal diferença é de 500 cruzeiros e a tabela do SEPT eleva-a para 900 cruzeiros. Se for vitorioso o ponto de vista dos trabalhadores, estabelecendo-se para a capital paulista o mesmo salário mínimo do Distrito Federal, o menor salário do Estado de São Paulo será de 5.800 cruzeiros.

O PROBLEMA DA VIGÊNCIA

Uma vez decretados os novos níveis salariais, apresenta-se o problema da sua vigência, que os trabalhadores querem a partir de 1. de janeiro próximo.

A Consolidação das Leis do Trabalho estabelece que o salário mínimo entre em vigor sessenta dias após a sua decretação. No entanto, argumentam os trabalhadores, o prazo de sessenta dias estabelecido por lei diz respeito à entrada em vigor do salário mínimo quando da sua instituição e não quando se trata da revisão dos níveis. Por outro lado, considera-se que, quando o salário mínimo é revisto em caráter excepcional, justifica-se a sua vigência imediata, considerando-se que há uma necessidade de urgência a ser atendida. Nesse sentido já há jurisprudência firmada através de sentença proferida pelo Supremo Tribunal Federal em 1956, a que também fez referência o «Jornal do Comércio» do dia 15 do corrente.



Para reclamar do Congresso a aprovação do projeto que lhes concede o abono provisório, centenas de funcionários públicos, atendendo ao apelo da UNSP, compareceram à concentração das escadarias do Palácio Tiradentes. Na foto, um flagrante da manifestação.

ABONO AO FUNCIONALISMO SEM AUMENTO DE IMPOSTOS

O dilema criado pelo governo visa arrancar do Congresso o Plano de Estabilização Monetária — É possível a vitória dos servidores se se intensificar a sua luta

A poucos dias do encerramento dos trabalhos por motivo das Festas de fim de ano, e já reunida em prorrogação de sessão legislativa, a Câmara se encontra praticamente impossibilitada de votar o projeto n. 4.759/58, que trata do Abono Provisório de 30% a ser concedido aos funcionários públicos civis e militares a partir do próximo mês de Janeiro.

É que a aprovação desse projeto, objeto de compromisso assumido pelo Presidente da República com os servidores públicos, foi inesperadamente colocada sob a dependência da aprovação anterior das novas leis de imposto de consumo e do selo, que informam o Plano de Estabilização Monetária do sr. Lucas Lopes.

REAÇÃO A CHANTAGEM DO GOVERNO

Tendo fracassado a primeira tentativa de impingir à nação o Plano de Estabilização, o governo, aproveitando-se do Abono para o funcionalismo voltou à carga.

No princípio da semana, a Câmara votou o regime de urgência pedido pela Maioria para os projetos de reforma (com aumentos) das leis do imposto de consumo e de selo, e do Abono, a requerimento da Oposição.

Dias antes, a liderança do bloco partidário da Oposição tornou público os termos em que aceitaria colaborar no

sentido de que ao Executivo sem novos aumentos de impostos, fossem dados recursos financeiros a fim de fazer face ao pagamento do 30% do abono provisório. O líder do PTB, deputado Fernando Ferrari, também contrário aos projetos do Plano de Estabilização, visando reduzir o déficit orçamentário às custas de maior miséria para o povo, apresentou um substitutivo ao projeto dos novos impostos de consumo, que nem mesmo chegou a ser apreciado pelo governo. Quarta-feira última, depois

de terem chegado à Comissão de Constituição e Justiça, por volta de 1,30 da madrugada, mais de 100 emendas ao projeto de nova lei de imposto de consumo, o sr. Armando Falcão, líder da Maioria, deu conhecimento à Oposição da resposta negativa do governo às suas sugestões, visando a obtenção de recursos para o pagamento do Abono sem novos aumentos de imposto indiretos que viriam, num segundo tempo, anular completamente não o pequeno aumento provisório conquistado pelos servidores públicos, como ainda os novos salários mínimos decretados.

Colocada a questão em termos de dilema — Abono com aumento de impostos ou nada — a Oposição, sempre pronta a tirar partido das circunstâncias, anunciou a sua decisão de recorrer ao recurso da obstrução total para impedir a votação dos projetos em regime de urgência prioritária.

AMEAÇADO O FUNCIONALISMO

Estabeleceu-se o impasse. Se a obstrução funcionar, Conclui na 11a. página

FORTUNY EM LIBERDADE

SUPREMO DECIDIU: ILEGAL A PRISÃO DO LÍDER GUATEMALTECO

Fundamentos do voto do ministro Cândido Motta Filho — Ninguém pode ser expulso do país por atividades progressas em favor do comunismo — Reconhecido o direito de asilo

“Uma prisão para expulsão que só se baseia em infração penal que ainda não foi apurada em processo regular, mediante sentença judiciária, sai das regras aplicáveis, fere direitos individuais, cujas garantias estão expressas no artigo 141, § 20, da Constituição Federal. E fica ainda mais patente essa violação quando, a pretexto de expulsão por crime comum, se quer é expulsar o exilado político.”

Sob esses fundamentos, constantes do voto do ministro Cândido Motta Filho, o Supremo Tribunal Federal concedeu, por unanimidade, habeas-corpus a José Manuel Fortuny. O perseguido político guatemalteco, que se encontrava ilegalmente preso na Divisão de Polícia Política e Social desde o dia 3 de outubro próximo passado, foi posto em liberdade no dia mesmo do julgamento (quinta-feira, 15).

SER COMUNISTA NÃO É MOTIVO

Em seu voto, o ministro Cândido Motta Filho, que foi relator do pedido de “habeas-corpus”, assinalou que “ninguém pode ser expulso do país por atividades progressas em favor do comunismo.” — “Realmente — afirmou o magistrado — o paciente está preso para ser expulso. E, no entanto, nenhum motivo há para a expulsão, mesmo porque a sua entrada irregular no país está tão só, meramente, afirmada pela Polícia, que diz estar aforado na 10ª Vara Criminal um processo pelo qual deverá responder o paciente. Acontece, porém, tratar-se, conforme as próprias informações da autoridade policial, de um exilado político.”

E a seguir: “Ninguém pode ser expulso do país por atividades progressas em favor do comunismo. Ninguém pode ser expulso se não praticou atos que deem motivos à expulsão. Nada praticou o paciente que ferisse a ordem pública, que ameaçasse o regime político, que provocasse situação internacional perigosa ou que ferisse a dignidade nacional. Não encontro assim um ato capaz de motivar a expulsão, a não ser uma fraude, que as próprias in-

formações policiais a ch a m secundária. Mas, o que fundamenta a prisão e, consequentemente, a expulsão é a atividade política progressa no estrangeiro.”

DIREITO DE ASILO

Reconhecendo dever ser concedido asilo a José Manuel Fortuny, assim concluiu seu voto, o ministro Cândido Motta Filho: “Ora, na realidade, o paciente não passa de um asilado político. E em país algum, que tenha o seu Estado organizado nas bases dos Direitos dos homens e nos princípios das liberdades democráticas, pode-se negar o direito de asilo aos que nele se encontram por motivo meramente político. E o Brasil, que sempre proclamou e reconheceu esse direito, não vai negá-lo agora, transformando uma expulsão numa extradição impossível, se vista com bons olhos pelo direito e pela Justiça.”

PRISÃO ILEGAL

O advogado Luiz Mário Camargo Xavier, que impetrou a ordem de “habeas-corpus” em favor de José Manuel Fortuny, sustentou oralmente o pedido na sessão de julgamento do Supremo Tribunal Federal. Em sua longa e fundamentada petição, o defensor do político guatemalteco demonstrava inicialmente, que a prisão de Fortuny pela DPPS e a decretação posterior de sua prisão preventiva pelo Ministro da Justiça violou dispositivo expresso da Constituição, segundo o qual ninguém pode ser preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita da autoridade competente, nos casos expressos em lei. Além disso, a prisão ou detenção de qualquer pessoa — de acordo ainda com dispositivo constitucional — deve ser imediatamente comunicada ao juiz competente, o que no caso não foi feito. Em seguida, o dr. Luiz Xavier analisa, sob diversos aspectos, a ilegalidade do ato ministerial, acentuando que a Fortuny é assegurado o direito de defender-se em liberdade no processo de expulsão que lhe é movido.